Cartas de Bella

1957-8

2a edição, 2024

Simon Schwatzman

CARTAS DE BELLA

Em junho de 1957 Bella, cheia de esperança, se casa com Bernardo, que havia conhecido poucos meses antes, e juntos embarcam no Rio de Janeiro para uma longa viagem pela Europa que culminaria uma nova vida em um Kibutz, em Israel. Aos poucos começaria a decepção, depois a gravidez, e em maio de 1958 eles chegam ao Brasil de volta para recomeçar a vida. No Kibutz, eles tinham direito a enviar um aerograma por semana, e as cartas e cartões de Bella, cerca de cinquenta em menos de um ano, escrita para os pais e irmãos, e mais algumas de Bernardo, formam a coleção que conta esta aventura.

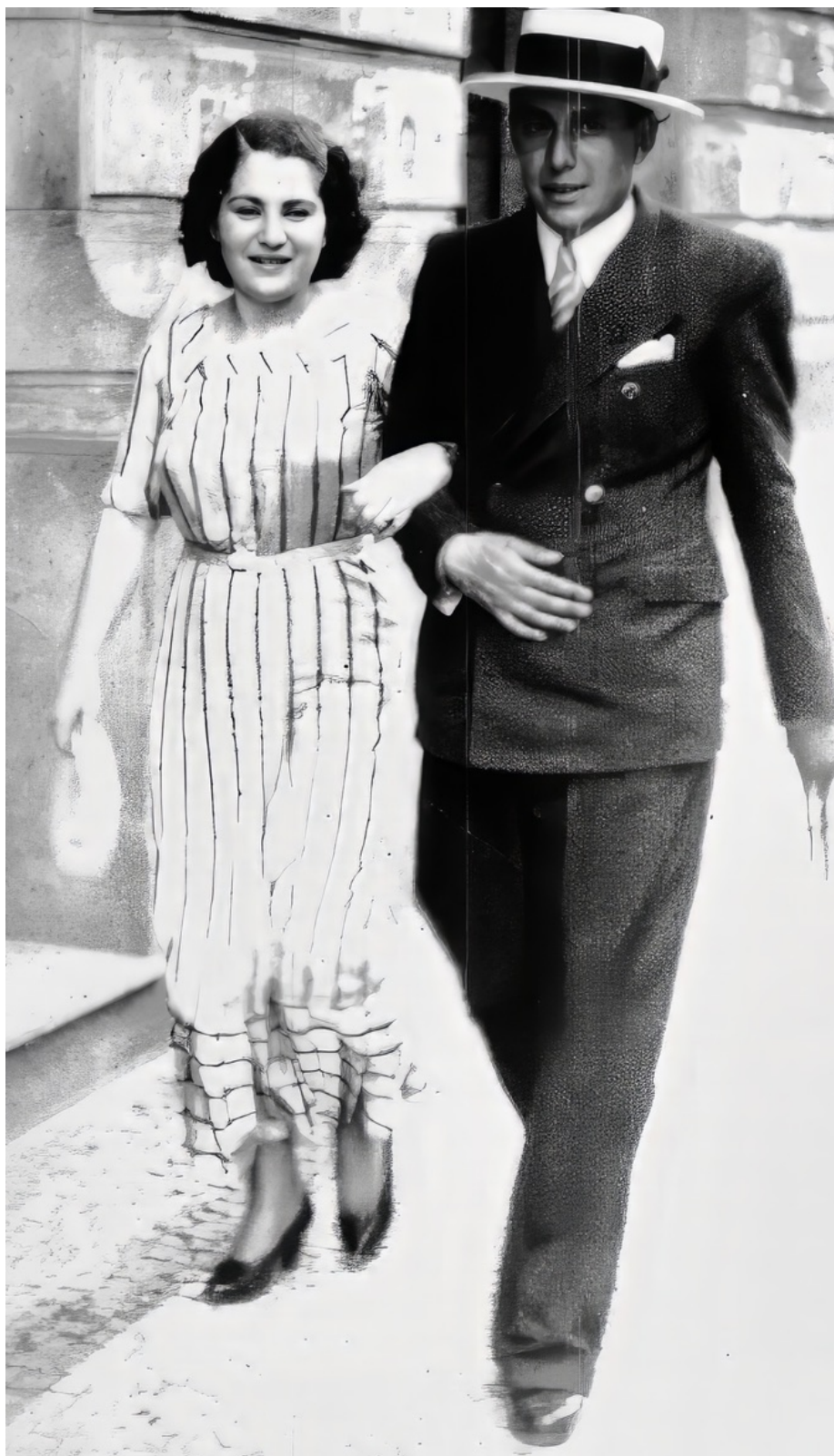
Não é uma história excepcional, muitos jovens judeus do Brasil e outras partes passaram por processos semelhantes. Mas a leitura das cartas permite ver de perto como ela foi vivida, e recuperar, em parte, a memória familiar que ficou em parte perdida em um mundo em transformação. Quase igual a muitas outras, mas, mas, como Bella, única e irrepetível.

Bella tinha três anos mais do que eu, e nossa vida tomou rumos distintos depois que ela foi para Israel e eu entrei na vida adulta. Reconstruir sua história foi reviver também parte da minha. .A primeira parte deste livro começa com o que consegui aprender sobre a origem de nossa família, e continua com a narrativa do que foi a viagem de Bella a Israel e sua volta ao Brasil. A maior parte desta narrativa está feita por trechos das cartas que ela escrevia, assim como por fotografias que consegui recuperar. A segunda parte, em apêndice, é a transcrição literal das cartas. E cartões postais. Bella escrevia bem e tinha uma linda letra, o que facilitou muito o trabalho de transcrição. Tanto quanto possível, a transcrição preserva o texto e a linguagem originais, com pequenas correções e ajustes de ortografia. As cartas contêm muitas vezes termos em hebraico cuja tradução ao português, pela primeira vez, está entre parênteses. A primeira versão deste livro contou com a revisão de Isabel e a formatação gráfica de Michel, meus

filhos, sobrinhos de Bella. Esta segunda versão digital contou com a revisão detalhada de Solange, sua filha mais velha.

Uma amiga, Bella, Miriam Lerman e Carmela Aharanov, c 1949, Belo Horizonte

Simon, Bella e Jacques, c 1950, Belo Horizonte

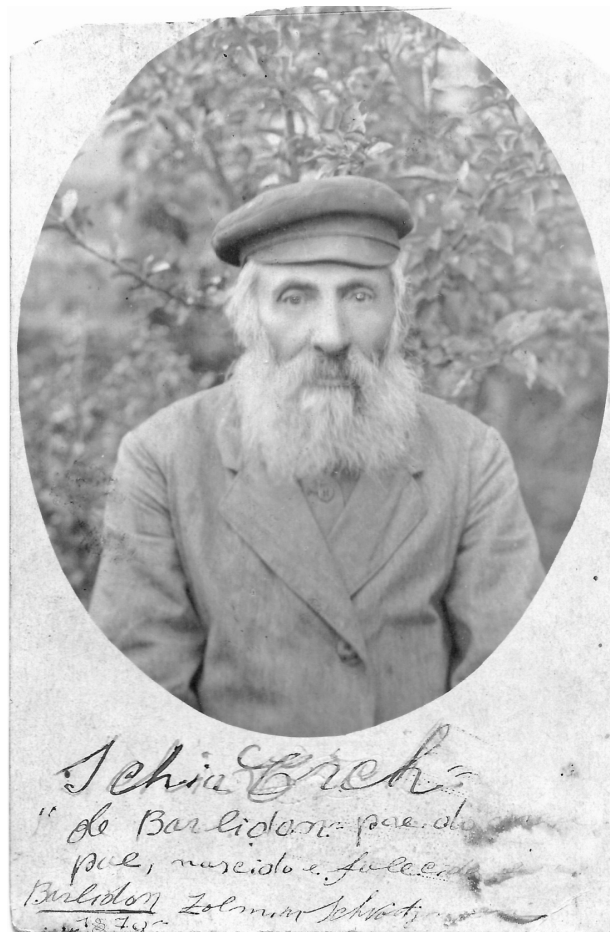
Bella, nascida em 1936, era filha de Zolmin e Helena Schwartzman, judeus de origem europeia que haviam vindo para o Brasil ainda adolescentes na década de 1920 e se conhecido e casado em 1935 em Belo Horizonte. A família de Zolmin provinha da Bessarábia, então Romênia, hoje parte da República da Moldova, e a família de Helena, originalmente, da Polônia. As duas regiões pertenciam à “área de assentamento” na periferia do império russo onde, desde o final do século 18, os judeus da Europa oriental foram confinados. Eram vários milhões, vivendo em comunidades isoladas, falando uma língua própria, o iídiche, que escreviam com caracteres hebraicos, com direitos limitados e quase sempre em situação de pobreza e insegurança, com uns poucos conseguindo enriquecer, sobretudo em atividades comerciais.

Helena e Zolmin, Belo Horizonte, c1935

Para entender de onde vem Bella, a razão pela qual um dia decidiu partir para Israel e o que encontrou lá, achei que precisaria contar o que tenho aprendido sobre seus antepassados, que são também meus.

Quem eram os pais, avós de bisavós de Zolmin e Helena? Como se chamavam, onde moravam, quantos filhos tiveram, o que faziam? As migrações, a quebra das famílias, a tragédia das guerras e do holocausto, a pressão pela sobrevivência no novo mundo, tudo isto fez com que muitos documentos desaparecessem, que nomes fossem trocados, e que a memória do passado fosse se apagando.

Zolmin e Helena mantinham contatos com familiares e muitas vezes contavam suas histórias. Mas os filhos, fixados no futuro, deixam de ouvir e registrar com atenção o que escutam, e só começam a valorizar o passado quando a velha geração já não está mais...

Agora resta recolher os fragmentos. Para entender de onde vem Bella, porque um dia resolveu partir para Israel, e o que encontrou lá, achei que precisaria contar o que tenho aprendido sobre seus antepassados, que são os mesmos meus, ainda que com as incertezas que permanecem. Os jovens talvez não saibam, mas existe hoje uma grande indústria de pesquisas genealógicas, com empresas e instituições filantrópicas digitalizando e compartilhando milhões de documentos pessoais das gerações passadas - registros de nascimento, casamento e morte, arquivos de igreja, fotografias e inscrições em túmulos, listas de passageiros de navios, e tantos mais. Depois de tentar vários caminhos, decidi ir juntando e organizando as informações da família na grande árvore genealógica mundial mantida pela Igreja Mórmon, o Familysearch. Nela, ao invés de cada pessoa manter sua árvore pessoal, todos contribuem para uma árvore única, e todos podem ver, corrigir e melhorar as informações dos demais, exceto as confidenciais, que se referem sobretudo às de pessoas vivas. Tem sido uma experiência rica, mas também frustrante, pelas informações desencontradas de surgem, ou que faltam. Estou resumindo aqui o que consegui juntar.

OS SCHWARTZMAN DA BESSARÁBIA

Yehoshua Zvi Schwartzman, Bîrlădeni

Entre os povos das regiões de assentamento na periferia do Império Russo, os da Bessarábia eram dos mais pobres, com aldeias celebradas na famosa peça do "violinista no telhado" e as pinturas de Marc Chagal, e foi de lá que Shimson, ou Simão Schwartzman, avô de Bella, conseguiu sair e trazer para o Brasil sua família, chegando ao Rio de Janeiro em 1923, conforme consta da lista de passageiros do navio Ouessant, que vinha de Hamburgo e aportou

no Rio de Janeiro em 27 de novembro de 1923. Dá para ler, com clareza, os nomes de Shimson e Zolmin, o pai de Bella. Os outros nomes são diferentes dos adotados no Brasil, mas facilmente reconhecíveis: Sura Pesse (Pesse Rosenfeld, mulher de Shimson) Sanko (Sanni, o irmão mais novo). e Heige (Adélia, a filha).

A única informação direta que encontrei dos Schwartzman nos papéis da família é uma foto com uma anotação de Zolmin de que se tratava de "Schia Hersh, pai do pai, nascido e falecido em Barlidon". Pesquisando, foi possível descobrir que se tratava do povoado de Bîrlădeni, próximo da cidade de Edinet. Shimson faleceu em Belo Horizonte e em sua sepultura, que é a primeira à direita de quem entra no cemitério israelita da cidade, está escrito, em hebraico, que "aqui jaz Shimson filho de Yehoshua Tzi Schwartzman, falecido no dia 3 do mês Sivan de 5.639", que corresponde, no calendário judaico, a 27 de maio de 1933. Existem duas grandes bases de dados com informações sobre a população judaica de antes da guerra na Europa, a JewishGen, e a da Associação de Pesquisa Genealógica de Israel, e nelas foi possível encontrar uma lista de membros de uma família Schwartzman da localidade de Khotin, chefiada por Yankel Schwartzman, filho de Berko, descrito como de "classe média", que tinha como um dos filhos Ovshyi, que é aparentemente uma abreviação russa de Yehoshua. Khotin é perto de Bîrlădeni, e pode ter sido a sede administrativa da reunião, A suposição é que esta era a família de origem de Zolmin.

Shimon, Zolmin, Sanni, Adélia e Pesse, c. 1925.

Passagevertreter für Deutschland:
& Schurman G. m. b. H.
[HAM]BURG, Hermannstraße 23
Fernsprecher: Nordsee 6770.

CHARGEURS RÉUNIS

3554

Passagier-Liste
Liste des Passagers

An Bord des Dampfers / A Bord du Vapeur „Ouessant" am / le 1. November 1923

in Hamburg angekommen / arrivé à Hambourg
von Hamburg abgefahren / départ de Hambourg

Familienname / Nom	Vorname / Prénom	Alter / âge	Erwachsene / adulte: männl.	Erwachsene / adulte: weibl.	Kinder / enfants: 1–10 Jahr	Kinder / enfants: unter 1 Jahr	ledig / verh. / verwitw.	kundig des: Lesens / lire	kundig des: Schreibens / écrire	Bekenntnis / religion	Geboren / né: in / en	Geboren / né: am / le	Herkunftsort (bisheriger Wohnort) / dernier résidence	Nationalität / Nationalité	Beruf / Profession	Reiseziel / Destination
		147.	61	56.					33.	71.						
Kijner	Nyha	22		1			ledig	ja	ja	jüd	Odessa	17.4.01	Bukarest	Russe	—	Rio de Janeiro
-"-	Chana	15		1			"	"	"	"	-"-	2.8.08	"	"	—	
[Schw]artzman	Schimon	40	1				verh	"	"	"	Kalius	21.3.83	"	"	Arbeiter	"
-"-	Sura	39		1			"	"	"	"	"	14.6.84	"	"	—	"
-"-	Zolman	13	1				ledig	"	"	"	"	7.6.10	"	"	—	"
-"-	Saulio	11	1				"	"	"	"	"	28.10.12	"	"	—	"
-"-	Heige	9			1		"	"	"	"	"	9.8.14	"	"	—	"

Lista de passageiros do Navio Ouessant, com os nomes de Shimson Schwartzman e família e datas presumidas de nascimento.

Residência Schwartzman em Belo Horizonte, c. 1930. Zolmin, Sanni, Adélia, Pesse.

Entre os nomes de família dos judeus da região da Bessarábia, Schwartzman é dos mais comuns. Há muitos Schwartzman no Brasil sem parentesco direto ou conhecido com Shimson e seus descendentes. Duas famílias, aparentemente, têm algum parentesco. Uma é a dos descendentes de Joel Schwartzman, da mesma região de Shimson. Joel era pai de Haia, José, Cunha, Irineu e Menachem, que fizeram suas vidas no Rio de Janeiro. O que se pensa é que Joel e Shimson seriam irmãos, mas os nomes dos pais de Joel, - Daniel e Frieda - são diferentes dos nomes dos pais de Shimson, o que torna este relacionamento incerto.

A outra é a do economista Joseph Barat. O Museu do Holocausto em Jerusalém, Yad Vashem, mantém uma lista dos judeus assassinados pelo Nazismo, feita em parte por testemunhos escritos dos sobreviventes. Fazem parte da lista Nehoma (ou Naomi) Schwartzman e duas filhas, Raquel e Sara, as três mortas em 1941. Naomi era casada com Burah Schwartzman, filho de

Pinkus, prima portanto de Yehoshua. A filha mais velha, Lea, casada com Burat Barat, havia imigrado para o Brasil, e foi seu filho, Josef Barat, que deu o testemunho da morte da avó e tias no holocausto.

Zolmin também mantinha contato com um primo em Israel, Pelet Shahar, com quem Bella se encontrou mais de uma vez. Há fotos de Pelet e sua mulher, Miriam, junto com Zolmin e Helena tanto no Brasil quando em Israel. O nome do pai de Pelet era Eliezer Morgenstern, casado com Sara, que morreu no holocausto. Em Israel, ele havia adotado o sobrenome de Shahar. Não consegui estabelecer com certeza de que lado Zolmin e Pelet eram primos, mas presumo que Sara, mãe de Pelet, seja a mesma Sura que aparece no registro de Khotin como uma das irmãs de Yehoshua. Pelet faleceu em 2009, quando vivia no kibutz Broch Hayil, conhecido como o Kibutz dos brasileiros. Seu obituário conta a sua história de envolvimento com uma organização de juventude sionista da Bessarábia, Gardenia, sua imigração clandestina para a Palestina em 1940, e sua participação no movimento dos kibutzim. No livro de memórias da comunidade judaica de Edinet[1] , a região da Bessarábia da qual Bîrlădeni faz parte, há inúmeras referências a seu irmão mais velho, Natanael Shahar, que havia tido uma participação possivelmente mais importante no Gardenia, e emigrado clandestinamente para a Palestina ainda na década de 30. Há também, no livro, o registro feito por Pelet e Natanael em homenagem à família que não havia sobrevivido: a mãe Sara e um irmão mais jovem, de nome Isser, mortos no holocausto, e o pai, que falecera jovem. Bella, em suas cartas, menciona um terceiro irmão que também vivia em Israel.

Diz a história familiar que Shimon e a filha Adélia contraíram tuberculose e a família se mudou para Belo Horizonte, em busca de melhores ares. Shimon faleceria em 1933, e Adélia, em 1941.

Miriam Sheinfeld, Pelet Shahar, Helena e Zolmin, Ouro Preto, c 1980

To the memory of our mother,
Sara Morgenstern

Who was tortured and perished somewhere in Transnistria

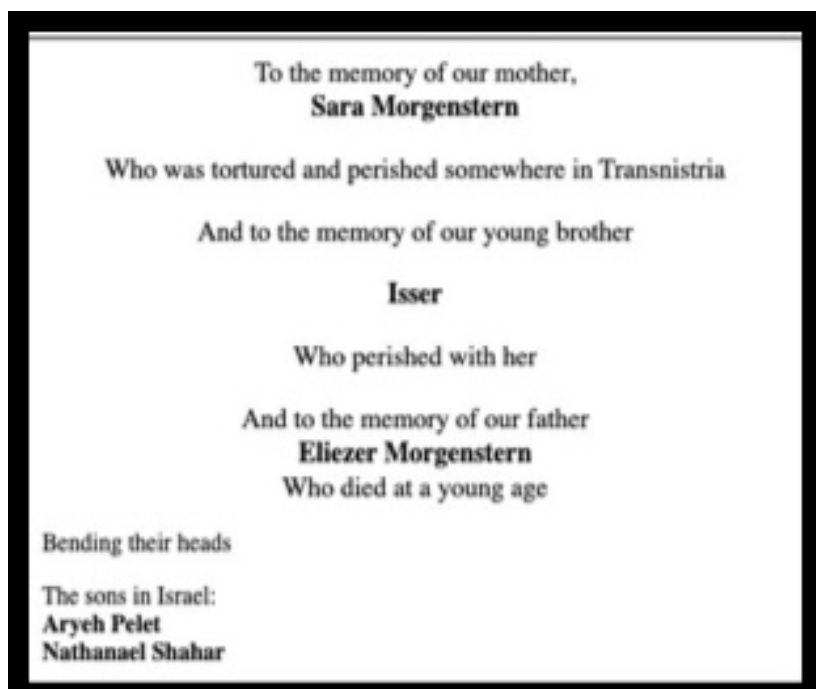
And to the memory of our young brother

Isser

Who perished with her

And to the memory of our father
Eliezer Morgenstern
Who died at a young age

Bending their heads

The sons in Israel:
Aryeh Pelet
Nathanael Shahar

Registro de homenagem a Sara, Isser e Eliezer Morgenstern

O nome de família de Pesse, avó parterna de Bella, mulher de Shimson, era Rosenfeld. Ela faleceu em 1958, também em Belo Horizonte; em sua sepultura está dito, em hebraico, que era filha de Netanel. Este é também o nome que aparece em hebraico na sepultura de seu filho mais novo, que todos conhecíamos como Sanni, mantendo a tradição judaica de os filhos receberem os nomes dos antepassados (eu herdei o nome de Shimson, devidamente modernizado para Simon).

Jeremias, Frida e Luiz Rosenfeld

Jeremias Rosenfeld, Sanni, Adélia e Zolmin Schwartzman

Por mais que tenha buscado, não consegui jamais outras informações sobre seus antepassados. Havia um primo Jeremias Rosenfeld, no Rio de Janeiro,

filho de Isidoro que era, provavelmente, irmão de Pesse, e um primo Bernardo Rosenfeld em Buenos Aires, que vivia no subúrbio de Avellaneda. Era casado e tinha duas filhas, incluindo Raquel, que era médica. Frequentei a família na década de 60, quando vivi em Buenos Aires, mas depois nunca mais tive contato.

OS RADZYNER E OS SCHAPIRA DE SAFED

Helena, ou Chaja, mãe de Bella, nasceu em Safed, ou Sfat, na antiga Palestina, em 1914, filha de Yacob Leib Radzyner e Fruma, ou Firmina Schapira, e tinha um irmão mais velho, Youssef, ou José, nascido em 1911. Tanto quanto consegui reconstituir a história, os pais se separaram em 1920, logo após o nascimento de uma terceira filha, Maria. Firmina veio para o Brasil onde tinha um irmão, Abraham. O marido Yacob, que havia nascido na Polônia, voltou com Helena e José para a cidade natal de Lodz, na Polônia, onde faleceu em 1926. As tias, então, enviaram Helena e José para a guarda da mãe no Brasil. José faleceu em 1937 em Belo Horizonte. Maria adotou o nome de Miriam, com o sobrenome da mãe, Schapira, se casou com Zumalá Bonoso em 1945 e tiveram uma filha, Ana Maria. Helena faleceu em 1997, e Miriam e Ana Maria faleceriam alguns anos depois.

José, Helena, Firmina e Jacob Radzyner, Safed, c 1920

Helena, Yacob e José Radzyner, c. 1920, Safed

Com o divórcio em 1920, a volta de Yacob Leib para a Polônia e a ida de Firmina e para o Brasil, e depois as crianças, pareceria que os contatos entre os Radzyner de Israel e Europa e os descendentes de Yacob haviam se interrompido. Na verdade, eles mantiveram contato ao longo dos anos. Meu bisavô Yitzhak Gavriel, pai de Yacob, viveu em Safed até 1944, e, através de um parente que vive em Israel e pesquisa coisas da família, soube que em 1936 ele escreveu uma carta em que deixava de herança um dinheiro para seu neto José e para outras três pessoas da família, que seriam minha avó, a ex-mulher e viúva de Yacob Leib, e suas duas filhas, Chaja e Maria (ou Helena e Miriam). A carta foi escrita por ocasião e uma visita de José à Palestina. Há uma foto de José enviada desde Tel-Aviv para a mãe quase na mesma data, que encontrei entre os papéis de Helena. Há também um documento, da mesma época, assinado conjuntamente por Yitzhak Gavriel e Benzion Heller, que atestam que Youssef havia nascido na Palestina. Benzion era o marido de Lea, irmã de Firmina, pais de Bernardo Heller, que também imigraria para Belo Horizonte muitos anos mais tarde.

José Radzyner em Tel-Aviv, 1936

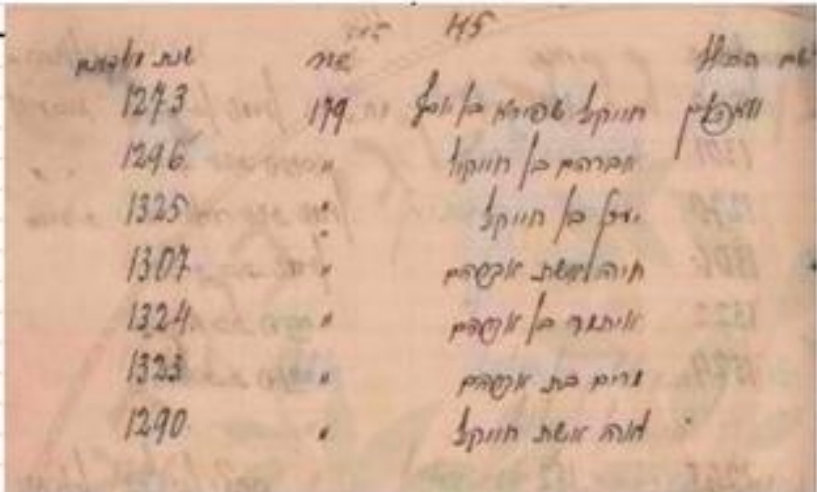
Diferente dos Schwartzman da Bessarábia, os Radzyner e Schapira eram gente considerada importante. O bisavô de Helena, o rabino Chaim Radzyner, havia chegado a Safed em 1873, de Varsóvia, com sua mulher Riwka, para dedicar sua vida à religião e à caridade. Segundo a descrição de uma de seus descendentes[2], os Radzyner em Varsóvia eram uma família rica e respeitada. Chaim havia feito fortuna no negócio de sucata e aço para construção, que deixou para os filhos que permaneceram na Polônia, sob a condição de que, ano após ano, ele receberia um terço dos lucros. Em 1904 um dos filhos, Yitzhak Leib Radzyner, veio para Safed acompanhado de dois netos: Yacob Leib, pai de Helena, então com 13 anos, e Elimelech, com 11, para estar com pai. Yitzhak Leib teve inúmeros outros filhos que permaneceram em Israel ou imigraram para outros países.

Safed é uma cidade histórica conhecida como centro de estudos cabalísticos, cultivados desde o século 16 por judeus sefarditas provenientes da península ibérica, e judeus askhenazi como Chaim Radzyner que chegaram sobretudo a partir do século 19. A população no início do século 20 era de cerca de 15 a

25 mil pessoas, metade dos quais árabes, quando a cidade atingiu um certo apogeu como centro econômico e administrativo sob domínio turco. Depois da Primeira Guerra, sob domínio britânico desde 1922, a cidade sofreu forte declínio, com conflitos crescentes entre as populações árabe e judia, a população caiu a menos da metade, e muitos judeus migraram para outros países, como o Brasil.

Mais ainda que Schwartzman, o nome Schapira, com suas variações (Shapiro, Schapira, Spira e outros) é extremamente comum, e não foi ainda possível estabelecer uma relação clara entre Firmina, seu irmão Abraham, no Brasil, e outros irmãos que Bella conheceu em Israel, por um lado, e por outro as famílias Schapira cujos nomes aparecem nos arquivos genealógicos de Safed. Pelo que aprendi, o nome deriva dos judeus que viviam na cidade de Speyer, na Alemanha, que foram em grande parte massacrados nas cruzadas.

Diz a lenda familiar que Firmina, vivendo em uma pensão com seus filhos no Rio de Janeiro, deixou os documentos da família com a proprietária como garantia, acabou saindo sem pagar, e os documentos foram perdidos para sempre.

Firmina faleceu em 1961 e foi enterrada no Cemitério Israelita de Vila Rosali, no Rio de Janeiro, e a inscrição na lápide diz que era filha de Heikel. O irmão, Abraham, faleceu em 1963, está enterrado no Cemitério Israelita de Belo Horizonte. Fiquei sabendo da existência de Abraham no início dos anos 50, quando minha mãe o trouxe para morar em nossa casa na Rua Magnólia, em Belo Horizonte. Minha lembrança é que ele vivia sozinho no interior de Minas Gerais e se sustentava vendendo imagens de santos que emoldurava com vidros que recuperava de antigos negativos, e havia adoecido com um reumatismo que quase não lhe permitia caminhar. A casa da rua Magnólia tinha, em baixo, espaço para uma loja, e foi lá que colocaram sua bagagem, formada em grande parte por caixas com cartas e montes de exemplares e almanaques anuais do jornal Correio da Manhã, com o qual ele se orgulhava de ter uma relação especial, por ser um assinante tão antigo. Para mim, o mais interessante eram as centenas de selos que havia nas cartas, que recuperei rasgando dos envelopes e colocando na água para descolar. Eram quase todos brasileiros da série “netinha”, de 1940 em diante, que pesquisei examinando as filigranas, picotes e buscando possíveis

variedades que pudessem ter maior valor. Não lembro se haviam selos de outros países, nem o destino de toda esta papelada.

Abraham ficou algum tempo conosco e depois se foi novamente para o interior, até que, um dia, soube que havia falecido no interior do estado, e meus pais providenciaram o traslado do corpo para o Cemitério Israelita de Belo Horizonte. Há uma certa confusão no registro do nome do pai - Chaim Michael, em hebraico, e Naikel Shapira no registro. Na lápide consta que havia nascido em 1885 e falecido em 1963, e a frase "saudades dos filhos e sobrinhos". Quem era a mulher, quem eram os filhos, e quem eram os sobrinhos, além da minha mãe e a irmã, continua um mistério.

Helena tinha um primo em Belo Horizonte, Bernardo Heller, filho da irmã de Firmina, Lea. Lea havia se casado com Benzion Heller, de uma importante família de rabinos de Safed. As cartas de Bella mostram que ela esteve com Benzion e algumas filhas que viviam em Israel. Um outro irmão, Joseph, havia emigrado para o México. O irmão de Benzion, Rabi Avraham Zelda Heller, era um líder religioso que ficou famoso como o "defensor de Safed" na guerra de independência, e foi o quarto de uma geração de importantes rabinos da cidade.

As duas irmãs Schapira, Firmina e Lea, se casaram, portanto, com membros de duas famílias importantes e religiosas de Safed, os Radzyner e os Heller. Mas, quem eram os Schapira?

Heikel Shapira family, Census Nufus 1886-1916 Palestine, Ashkenazi

Family group 179 — וולין

Kollel Volin, a community connected with the Ukrainian region of Volhynia.

		Birth year (Turkish)	Birth year
Heikel (Shapira) Shapira, son of Yosef, husband	Shapira	1273	1856
Lea Shapira, wife of Heikel		1290	1873
Avraham Shapira, son of Heikel & Lea, husband of Haya		1296	1879
Chaya, wife of Avraham		1307	1890
Itamar Shapira, son of Avraham & Haya		1324	1906
Miriam Shapira, daughter of Avraham & Haya		1323	1905
Yekel Shapira, son of Heikel & Lea		1325	1907
Joseph, father of Heikel.			

Registros da família Schapira, Jewishgen

A pesquisa dos registros genealógicos de Safed mostram a existência de várias famílias Schapira residentes em Lodz entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20, que aparecem nos censos da população askhenazi feitos pela administração turca. Além dos nomes, há a indicação de que comunidade pertenciam, referida a alguma localidade na Europa de onde provinham. Uma destas famílias é a de Heikel Schapira, originária de Volhyinia, hoje parte da Ucrânia, onde havia uma importante linhagem de rabinos e editores de livros bíblicos de nome Schapira. O nome – Heikel – é o mesmo que aparece no túmulo de Firmina. Na lista de membros da família existe um Abraham, e existe uma informação adicional, dada por um especialista em genealogia de Safed, de que Yochanan Schapira, irmão de Firmina que Bella conheceu nos anos 50, pertencia a esta família. Por outro lado, o nome da esposa de Heikel era Lea, o mesmo da irmã de Firmina, o que não parece plausível, dada a tradição judaica de não dar aos filhos os

mesmos nomes dos pais ou mães. Finalmente, Heikel parece ter tido pelo menos um segundo casamento com Malka Uldek, com quem teve vários filhos. É a melhor informação que consegui sobre os Schapira, mas incerta.

UMA NOVA VIDA

Reunião do Hashomer Hatzair em Poços de Caldas, 1957(Bella está na fila do meio, a quarta da esquerda para a direita)

Bella tinha 20 anos, e alguns meses antes havia conhecido Bernardo Wajnman em uma reunião do movimento sionista Hashomer Hatzair em Poços de Caldas, Minas Gerais. Começou um namoro, e poucos meses depois se casariam e partiriam para Israel.

(carta de Bernardo para Bella)

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1957

Bella, iccará (querida)!

Conforme combinamos, estou lhe escrevendo certo de que você estará fazendo o mesmo. Já no segundo dia que estamos separados, começo a sentir uma sensação estranha: a da separação. Nós nunca nos separamos desde o início. Mesmo quando nossa zug engatinhava, os nossos encontros diários (horário A, B, C etc.) tornaram-se como parte de nossa vida. E agora, quando mais alta, mais profunda se torna a nossa relação, temos que nos separar. Mas não importa, isso é somente o prelúdio de algo bom e feliz que nos espera.

Esta é a segunda carta que lhe escrevo. Que distância entre a primeira e a segunda! Quanta coisa aconteceu.

Lembro-me bem de como você escreveu que lá em Poços de Caldas você pressentia que estava no limiar de um novo mundo. E era verdade. Você pela primeira vez, via judeus com uma vida nacional judia. Não importa se era baseada em religião ou no completo afastamento da "terra onde vivemos". O importante é o princípio: a existência de um sentimento nacional de judeu. sentir-se parte de um todo grande e forte, que lutou e luta por sobreviver e do qual nós, jovens conscientes, temos que ser a vanguarda.

É isso que eu espero que você sinta agora. Para você, isso é o mais importante, pois, nossa linha de verdadeiro socialismo revolucionário sei que você concorda e sente. Não basta apoiar a luta pela revolução social, ela deve ser acompanhada pela revolução nacional.

O Hashomer Hatzair era uma organização de jovens judeus semelhante à dos escoteiros, de cunho socialista e sionista, com os participantes organizados por grupos de idade (*kvutzá)* e orientados por um dirigente mais avançado (*madrich*). Pelo lado socialista, havia forte ênfase na igualdade, trabalho coletivo e despojamento de bens materiais. Pelo lado sionista, o objetivo era preparar os jovens para emigrar e passar a viver em um Kibutz, as colônias agrícolas coletivas de Israel. No Brasil, o Hashomer competia com um movimento parecido, o Dror, que dava menos ênfase aos valores e ideologias socialistas. Em Israel, o Dror estava associado ao Mapai, partido político de Ben Gurion que governou o país desde a fundação até a década de 70, enquanto o Hashomer estava associado ao Mapam, que buscava

estabelecer uma relação de colaboração com a população palestina e se opunha ao alinhamento de Israel com os países do ocidente na guerra fria. Eram ambos nacionalistas, valorizavam a cultura judaica, mas não a religião.

Kvutzá Negbagrado, Hashomer Hatzair em Belo Horizonte. Atrás, Marcos Blance (ao meio), Carmela Aharanov à esquerda. Em frente, Miriam Lerman à esquerda, Bella à direita.

Para os da primeira geração de judeus brasileiros, estes movimentos ofereciam um espaço atraente de encontro, participação e convivência social. Os pais gostavam, porque os filhos permaneciam em um ambiente judio e desenvolviam atividades saídas. Não tenho dados, mas acredito que só poucos dos que participavam de fato terminaram emigrando para Israel, e, dos que foram, muitos, como Bella e Bernardo, acabaram desistindo e voltando para o Brasil ou saindo dos kibutzim. Tzi Chazam, dirigente do Dror que foi para Israel no mesmo ano que Bella, em 1957, foi um dos que lá ficaram, desenvolveu uma carreira política significativa em Israel, e escreveu um livro de crônicas em que relata suas experiências[3]. Ele descreve uma reunião do movimento de 1950, que ficou conhecida como "Lapa", quando os jovens resolveram coletivamente, para grande frustração dos pais, abandonar os estudos universitários, julgados desnecessários para quem se preparava para trabalhar nos kibutzim agrícolas de Israel. Outras

crônicas suas falam, com certo ressentimento, dos que não se adaptaram, e de como os kibutzim foram se transformando ao longo dos anos. Bernardo, aparentemente, resolveu desde cedo que iria para Israel, e não entrou para a universidade. Para as moças, na época, o estudo universitário era mais raro, a expectativa era completar o ensino médio e começar logo a vida de esposa e mãe. Bella fez o curso de normalista no Colégio Isabella Hendrix em Belo Horizonte, dirigido por missionárias metodistas norte-americanas, e trabalhou por alguns anos como professora na Escola Israelita de Belo Horizonte. Aos 20 anos, já estava passando da idade de se casar. Para ela, Bernardo, com seu entusiasmo, inteligência e idealismo, era uma porta inesperada que se abria para uma nova vida.

A VIAGEM

Brasileiros do Hashomer Hatzair em Viena, a caminho de Israel, 1957.

viagem de navio entre Rio de Janeiro e Israel foi longa, de 20 de junho, aproximadamente, até início de setembro, com escalas e passeios em Salvador, Dakar, Barcelona, Marseille, Nice, Paris, Viena, Veneza, Verona, Roma, Napoli, Gênova... Era a primeira vez que Bella saia do Brasil, e as

cartas e cartões falam da descoberta de um novo mundo de pessoas e modos de vida diferentes - a pobreza extrema em Dakar, o ambiente sombrio e deprimente em Barcelona, a maneira de vestir das mulheres, os hiper-civiizados austríacos, os milionários da Côte D'Azur, os exuberantes italianos e o deslumbramento de Veneza, Paris e do Vaticano.

Dakar , 26/6/57

Queridos papai mamãe Simão e Jaques

Amanhã cedo chegaremos a Dakar. Imaginem vocês, já passei do meio da terra quando atravessamos o equador anteontem, foi uma farra tremenda. Houve jogos e brincadeiras o dia todo, foi um tal de jogar água um dos outros que não acabava mais. Por fim, para culminar, um animadíssimo baile tipo carnaval com serpentinas, confete e peninha (isto é do carnaval francês, jogam-se peninhas de cores que se pregam na roupa e cabelos). As brincadeiras são todas muito mais sadias do que as dos brasileiros, porém nada que se compara ao nosso samba. Bem, mas o mais interessante do baile foi que os tsofim só ficaram assistindo. Porém, não importa. Temos programa o dia todo, pela manhã aulas de Ivrit, um chaver falou sobre teatro, o Bernardo falou duas vezes sobre cinema e houve discussões políticas, ensaios para uma festa que vamos preparar para quando chegarmos a Eretz, planos de passeio etc. Assim o dia está cheio.

Paris, 11/7/1957.

Minha querida família

Esses últimos dias foram agitadíssimos. Dia dois deste o nosso navio ficou parado todo dia em Barcelona. Descemos, visitamos a cidade, subimos para um bondinho parecido com o do Corcovado no monte Tibidabo donde vimos um panorama lindíssimo. Acontece que ninguém gostou de Barcelona. É tristíssimo. Todos (todos é exagero) se vestem de preto, não se ouve música nas ruas e é muito triste todo o aspecto da cidade.

....

Bem, depois de Barcelona aconteceu tanta coisa. . . e agora estou em pleno Paris. Estamos em um lugar magnífico. É uma casa de estudante

onde moram somente moças. Os rapazes vieram para aqui porque estamos somente a passeio. Temos aqui um quarto separado para cada pessoa e todos muito bonitinhos. As refeições também são muito boas e aqui se come muita verdura e frutas. Não há refeição onde não seja servida uma salada e legumes.

....

Fomos a este lugar em Montmartre pensando ver lá não sei que coisas. Mas não vimos nada demais o lugar é assim escuro uma casa antiquíssima decorada com toda espécie de pinturas e coisas antigas. (...) Esperávamos mulheres nuas, gente se rebolando. sei lá, alguma coisa desse tipo. Porém foi o contrário. O ambiente é o mais sadio que se pode imaginar. O que é havia era gente cantando solos e coros com vozes lindíssimas. Depois um programa muito bom, canções, um tocador de guitarra, piano e declamação (pena que não entendemos nada). Tocaram para nós a "Mulher Rendeira", é uma música que muitos conhecem por causa do filme "O Cangaceiro".

....

Estivemos antes de vir para cá em Lion, uma cidade da França industrial e bem socialista. A primeira coisa que vimos ao entrar na cidade foi uma feira do Partido Comunista. Ficamos logo curiosos e à noite despachamos nossa guia e fomos ver o que era. Pena que chegamos lá quase às 11hs, hora em que terminava tudo. Para nós foi surpreendente ver a liberdade com que se fala, os cartazes, a animação e tudo mais. Parece até impossível que seja mesmo o partido comunista. A feira é enorme, vende-se de tudo, come-se, há um lugar onde se dança e é uma festa tremenda.

....

Dia 17 partiremos daqui para Viena. ainda não se sabe nada sobre o paraíso. Esses dias iremos a Versailles, e 13/ 14 de julho há bailes populares pelas ruas de Paris.

Havia na viagem uma agenda secreta, sobre a qual se pede segredo, que seria a ida ao Festival Mundial da Juventude em Moscou. As cartas falam da expectativa de irem ao "paraíso", que acabou se frustrando. Desde o final

dos anos 40 que duas organizações de internacionais de esquerda, a Federação Mundial da Juventude Democrática e a União Internacional de Estudantes, organizavam festivais a cada dois anos, sobretudo nas capitais dos países socialistas, com jogos, danças e apresentações de delegações de todo o mundo. Era a oportunidade de os países socialistas, e os partidos e movimentos de esquerda em outras partes do mundo, mostrarem a nova sociedade de harmonia e confraternização que estava sendo construída no pós-guerra, da qual o Hashomer Hatzair sentia fazer parte. Era também, claro, parte da guerra fria. As cartas falam de uma "ursada" que a delegação brasileira ao festival, certamente coordenada pelo Partido Comunista do Brasil, fez com o grupo, mas, no final, foi o governo da União Soviética que acabou negando os vistos de entrada, quando o grupo já estava na estação de trem esperando para embarcar. Naqueles anos, nos conflitos do Oriente Médio, a União Soviética tomava partido dos países árabes, o antissemitismo ressurgia, com os judeus sendo acusados de sionismo e "cosmopolitismo", e isto explica, certamente, os vistos negados. Em outra carta, escrita alguns meses depois, Bella fala dos problemas que teriam afetado a delegação oficial de Israel ao Festival de Moscou.

Tirol (Insbruch) 9/08/57

Vão ficar surpresos quando souberem que acabamos não indo ao festival. A delegação Brasileira nos fez a maior ursada. De Paris nos mandaram a Viena dizendo que lá seria certo que poderíamos ir com a delegação Brasileira uma vez que 60 de um time esportivo haviam desistido.

Em Viena pegaram nossos passaportes, nos alojaram em um albergue junto com toda a delegação de todos os países que também iriam ao Paraíso e nos deixaram satisfeitos da vida até que um belo dia nos veio a notícia de que não mais poderíamos ir já que na delegação brasileira não havia lugar.

Bem, isso não era verdade porque sabíamos da desistência de alguns além disso 14 entre tantos não poderia fazer grande diferença. Resolvemos então não dar o braço a torcer. Dissemos que não aceitávamos a decisão, que nos haviam prometido e que não podiam voltar atrás e que sabíamos que não era problema de lugar. Bem, depois

de telefonemas para Moscou, para os chefes da delegação brasileira para lá e para cá, recebemos uma resposta. Iríamos. Foi quando, toda satisfeita, lhes enviei aquela última carta. Imaginem vocês até que nossas malas levamos para a estação. Depois ficamos esperando o visto soviético e ele não veio.

Depois conversamos com um dos chefes da delegação brasileira que a essa altura já estava em Moscou reclamando, mas nada. Disseram-lhe que a comissão havia se reunido novamente e revogado a decisão. O motivo foi que dissemos no Brasil que íamos fazer um curso e ficar dois anos em Eretz (Israel).

Roma 20/08/57

Meus queridos.

estamos agora na tão falada, na famosa Roma. Na Itália sentimos como se estivéssemos voltado para a casa. Pensem bem, Viena e Áustria em geral é um outro mundo. Lá existe um nível altíssimo de civilização. A todo minuto nós, os brasileiros, estamos dando trabalho por jogarmos lixo nas ruas ou por atravessarmos a rua sem olhar o sinal de pedestres. Um dia, o guarda que dirige o tráfego veio até perto de mim e de outra menina para nos passar a maior esculhambação por causa disso. Sempre demos show, era na hora de falar porque brasileiro sempre grita quando fala ou era por qualquer outro motivo. Nos sentíamos na Áustria quase como selvagens. Tínhamos medo até de nos mover e causar qualquer confusão. Mas na Itália é outra coisa, aqui a vida é outra! Só se entra nas conduções aos trancos e barrancos, não se fala nas ruas, se grita ou se pragueja. Não se pode andar nem acompanhada sem ouvir gracejos. já nos avisaram também para tomarmos muito cuidado com a bolsa. Eles são terríveis. São terríveis, mas são formidáveis. Como os brasileiros

....

Gostaria que me mandassem para Eretz e uma explicação daquela "famosa" herança. Existe mesmo algum dinheiro? O que é preciso fazer? Sabem por quê? Porque quando se chega lá tem-se alguns dias

de férias que se tira quando se deseja. Bem, dinheiro nesses casos nunca é demais.

Esta “famosa herança” era da família Schapira, para Firmina e Avraham, parte de qual, no final, conseguiram de fato receber.

O SONHO DO KIBUTZ

Bella e Bernardo em Israel, 1957

Nos primeiros meses, a vida no Kibutz é como o sonho que imaginavam, como descrito nas cartas de Bella.

22/9/195

Hoje é Shabat, mas nós pedimos para trabalhar. Isso porque assim vamos tendo mais dias para o passeio. A cinco temos direito, mas queremos mais para poder conhecer bem o país.

Por isso vocês podem imaginar que o trabalho não é tão duro. Sabem como se trabalha quando se dá as 8 horas? Direto. das 6 da manhã até às 3, descontando as meias horas do café e almoço. Assim que se chega pode-se tomar banho, dormir um pouco e já se está refeito. Eu por enquanto estou na cozinha. Acho que vou fazer a carreira. Imagina que gostaram de mim lá. Toda noite quando fazem escala para os trabalhos do dia seguinte me colocam lá. Todos rodam em diversos lugares, mas a

mim não querem deixar sair. E sabem que não é mau? O trabalho é servir as mesas ajudar a cozinheira etc. Mas para imaginar como tudo é prático e mecanizado basta dizer que se pode lavar a louça onde comeram 200 pessoas em meia hora.

....

Hoje (estou continuando a carta no dia seguinte) já saí da cozinha. Pedi que me colocassem em outro lugar para experimentar. Me puseram para pregar botões e reparar as roupinhas das crianças. Acho que não querem me dar trabalho pesado. Isso é coisa para a mulher grávida (não, não se assustem).

Enquanto isso vou estudando Ivrit que é o meu maior problema. Acho que depois vou mesmo querer trabalhar com as crianças. Pelo que tenho visto é maravilhoso como elas são educadas aqui. Depois já me disseram que aqui se precisa muito de gananot (professoras de jardim de infância) e há possibilidades de fazer um curso espetacular em Tel-Aviv.

....

Fiquei tão comovida com o dinheiro que vocês me mandaram... só que não era preciso... Estamos bem, o que o kibutz dá o necessário, além disso ninguém aqui fica com dinheiro. não é uma lei, mas é uma coisa que não se faz. Esse dinheiro poderá ficar guardado para quando vocês virem passear aqui ou alguma eventualidade

10/10/1957

Vocês me pedem para escrever sobre mim e o Bernardo. Francamente não sei o que escrever. Não há nada de especial. nossa vida diária no Kibutz é como a vida em qualquer outro lugar. Trabalha-se, a vida coletiva é uma grande coisa, porém fora isso cada um tem sua vida particular. Eu e Bernardo temos nos dado muito bem, é como se nós nos tivéssemos conhecido a vida toda. Estamos agora os dois sentados à mesa do nosso cheder (quarto) escrevendo cartas, ele que está escrevendo para o Simon. O cheder tem uma cama, um armário, uma mesinha e dois banquinhos. Agora vamos colocar as cortinas e os enfeites e pouco a pouco ele vai tomando a cara da gente. Com o tempo o Kibutz dá mais móveis e chedarim (quartos) melhores. Quem já é

chaver do Kibutz de algum tempo já tem casas que fazem inveja a qualquer um na cidade, com móveis de estilo moderno, abajur de pé e tudo. Mas com toda a franqueza agora não sentimos falta dessas coisas. O nosso "cantinho" nos parece muito bom.

25/10/1957

O kibutz tem 130 chaverim (companheiros) e 90 crianças (e por falar nelas, para as crianças isso aqui é um paraíso). Trabalha-se no campo com algodão (não dá lucro, mas é exigência do governo em troca de outros benefícios), uvas e bananas e algumas outras frutas. Também com peixes, que dá muito dinheiro, ovelhas, galinhas e vacas. A água é encanada, Simon, e se toma banho de chuveiro (morno) e não estamos no deserto. Só que a terra de Eretz em geral não é tão fácil de se cultivar como no Brasil. Se se pudesse exportar as pedras que tem o solo Israel seria um país milionário.

Quanto ao que o Bernardo faz, eu ainda não havia escrito porque ele faz de tudo. Ainda não se fixou, bem como a maioria do pessoal novo. Eu ainda continuo na cozinha, fiquei com um cartaz tão grande que outro dia trabalhei duas horas menos. Assim à toa. O encarregado do serviço e me disse que eu trabalhando 6 horas valho tanto como outro trabalhando as 8. Mas isto é segredo. E a senhora, mamãe, que achava que eu não saberia trabalhar. Que tal? O grande caso, porém, é que o trabalho das moças não é pesado.

23/11/1957

Com o dinheiro que você nos mandaram, ficou resolvido o seguinte. Comprarei tudo o que falta para mim e para o meu quarto. Com certeza. estranharão que eu tenha pensado tanto e feito tanta onda para resolver isso. Mas acontece que comprar objetos com dinheiro que se recebe dos pais não é coisa muito comum. E isso, penso eu, é bem certo. Primeiro, porque nem todos tem quem mande as coisas, e aí, onde estaria a igualdade? Segundo, quem vive em um kibutz deve basear seu padrão de vida nas coisas que o que o kibutz pode dar, e, se falta algo, é aqui que se deve buscar a solução. Receber coisas de fora poderia também não ter limites. e aí é que é o está o problema. Mas eu apresentei para a

turma (os brasileiros) o seguinte. Que eu não estaria disposta a entregar o dinheiro ao kibutz, porque ele não foi destinado a este fim por quem o enviou. Vocês não são sionistas, nem estão tão bem de finanças para não se preocupar em que investem o seu dinheiro. Guardaria uma quantia para quando a senhora viesse nos visitar.

Os primeiros quatro meses, de setembro a dezembro, são de encantamento. No kibutz todos são iguais, a vida é simples e plena, o trabalho manual é tão dignificante e apreciado quanto o trabalho intelectual, as crianças são cuidadas coletivamente, mas também têm seu tempo livre com os pais. os casais têm sua privacidade e, com o tempo, podem ir recebendo acomodações melhores para morar. Aos poucos, no entanto, começam surgir as dúvidas sobre a vida quotidiana, o lugar dos kibutzim e do Mapam no Estado de Israel, e o próprio lugar de Israel no mundo polarizado da guerra fria.

7/10/57 (para Simon)

Depois que você pisa aqui seus problemas desaparecem, porque além de seu trabalho você não precisa pensar em mais nada para viver. Daí se conclui que há amplas possibilidades para uma vida cultural riquíssima. E isso é o que varia de Kibutz para Kibutz. Há os que são mais ou menos desenvolvidos nesse setor. Tudo depende do grupo. No nosso acontece o seguinte. Há indivíduos que estudam sozinhos, verdadeiras capacidades. Porém o interesse geral por uma conferência ou debate é menor do que se poderia supor. Acontece, porém, que a turma de brasileiros é de 60 aproximadamente, e isso poderá fazer com que este quadro mude completamente por sermos a turma mais jovem. Estes são alguns aspectos da nossa vida. O outro é o seguinte. Você não conta com as possibilidades de uma pessoa que vive na cidade. O kibutz não oferece tudo o que pode oferecer uma grande metrópole, não é a parte material a que me refiro. Para lhe ser franca eu me contento com uma vida assim, não só me contento como gosto de uma vida simples. Porém certos temperamentos se sentem, por essa razão, presos dentro do Kibutz.

DESENCANTO

14/10/1957 (Bernardo para Simon)

A diversidade de tipos e mesmo da língua reflete a realidade da formação sociológica do país, e cada agrupamento tem sua história. Uns passaram por guerra, outro sofreram pelo antissemitismo e assim por diante. Atualmente sente-se a grande influência dos judeus russos, húngaros e poloneses que após os "affairs" que houve nesses países vieram em massa para Israel. Médicos, ex-funcionários, de tudo, menos operários. Tanto é que poucos se estabeleceram em kibutzim. De qualquer forma o país sentiu pela primeira vez a aliah em massa dos países socialistas; e podes imaginar que estes elementos não primam pelo amor à URSS e ao mundo da Revolução. Todos sem exceção queixam-se da perseguição antissemita nos mais diversos graus e formas. Realmente a tendência antissoviética, motivada pelo conhecimento dos fatos relatados por estes olim (imigrantes), e principalmente pela política russa no Oriente médio, tem grande força no seio do povo.

São enormes as dificuldades que o Mapam tem no seio do povo, para poder prosseguir com sua ação árabe. O boicote, a restrição são comuns em relação aos árabes residentes no país. O Mapam é o único movimento sionista que realiza um trabalho global e de aproximação e convívio entre os povos.

20/11/1957 (Bella para Simon)

Simon, gostaria de contar com você alguma coisa do seminário que tivemos. Não bem que foi o seminário, mas as discussões que travaram, discussões que podem explicar muito do que se passa por aqui e com o nosso grupo recém-chegado em confronto com uma realidade um pouco diversa da que se esperava. O fato é que o que você escreveu sobre os

juros que o kibutz paga, é verdade e há mais uma agravante. Encontramos aqui trabalho árabe assalariado. Hesitei bastante antes de escrever isso a você. Dito assim cruamente este fato choca enormemente, foi o que aconteceu quando aqui chegamos. Há mil formas, entretanto, pelas quais se pode compreender (não justificar, em nenhuma ocasião ouvimos de algum membro do Mapam justificativa para o trabalho assalariado) que os kibutzim tenham chegado a isso por necessidade vital do momento. Cabe, então a pergunta. Isto é um erro, uma falha ou o Kibutz precisa em um determinado momento de trabalho assalariado para subsistir? Porque uma coisa parece ser verdade. Com algumas exceções em etapas de sua vida todo kibutz emprega ou empregou trabalhadores assalariados.

17/1/1958

Esse primo do papai falou-nos que o papai tinha escrito para que eles nos fizessem voltar para o Brasil. Fiquei pensando nisso e lembrei-me como que eu briguei quando um dia, o senhor me disse que talvez voltássemos. Lembro-me também de como os fiz ficar sentidos por ser boba e criança. Agora vejo as coisas de uma forma diferente. Espero que isso não surpreenda muito, mas a verdade é que agora eu e Bernardo não sabemos se podemos ou não viver no Kibutz. Não aconteceu nada de novo, a vida aqui é a mesma, com tudo o que ela tem de bom. Mas aqui tem-se que viver para sempre conversando com as mesmas pessoas, indo comer todos os dias às mesmas horas a mesma comida, fazendo sempre as mesmas coisas e agindo como todos esperam.

A verdade é que apesar de bonita a vida coletiva não é fácil. Parece criancice escrever-lhe isso. Ou o fato de ter vindo e pensar em voltar sem nada do outro lado e tendo que começar tudo outra vez. Mas não quero que vocês pensem que eu escrevi é definitivo, e, o que é também importante, não comentem isso porque todas as notícias correm muito e isso seria desagradável para nós.

12/01/1858

Acabo de saber uma notícia que preciso mais que depressa transmitir-lhes. A nossa família vai aumentar. Isso quer dizer que em breve vocês

serão avós e titios. Ninguém vai acreditar, hein mamãe, uma avó tão jovem! E o futuro vovô, o que acha?

Não tenho sido uma filha muito correta quanto às cartas. Mas vocês bem podem imaginar que o negócio aqui andava meio movimentado. Tinha-lhes, assim que recebi a carta do Simon ontem, lhe respondido. Depois resolvi não mandar e esperar um pouco para dar-lhes a notícia. Fora alguns enjoos, tenho passado muito bem, está tudo OK.

Só que isto agora vem complicar um pouco as coisas. Tinha descrito já que a adaptação aqui não é como a gente pensava. Agora compreendemos o porquê de tantas idas e voltas. O problema não é o trabalho, isso, francamente, é o de menos. Mas sim, a vida no campo, uma vida de camponeses, limitada e restrita, a vida em coletivo que não é fácil e outras coisas mais, difíceis de traduzir em palavras.

Principalmente para nós, que viemos do Brasil, a mudança é muito brusca. Porém há tipos para essa vida também. Há os tipos pacatos, calmos ou filósofos que podem viver sem todo o aparato da civilização. Há as pessoas que podem basear toda a sua vida por um ideal, tenho a impressão também. Acontece que Bernardo é mais dinâmico, tem necessidade de mais vida, mais ação. E eu praticamente não tenho motivos que me forcem a fazer uma grande tentativa de adaptação.

Ajunte-se a isso a grande falta que sinto de vocês, meus pais, meus irmãos, essa enorme saudade de todos vocês.

A princípio de janeiro a decisão de voltar já estava tomada, e a gravidez de Bella trouxe uma nova urgência. No nível pessoal, a rotina do trabalho manual no campo, a obrigação de estar sempre com as mesmas pessoas, a falta de estímulo intelectual, tudo isto parece ter afetado sobretudo a Bernardo. No Brasil, ele era um jovem líder de um movimento político revolucionário. No kibutz, dominado por uma geração mais velha, veterana de guerra e com poucas ilusões, ele era um simples pastor de ovelhas. O kibutz pretendia ser um modelo de sociedade perfeita que, aos poucos, deveria transformar todo o país. Mas, se havia igualdade dentro de cada kibutz, havia os kibutzim mais ricos e os mais pobres, e todos tinham que participar da lógica de uma economia de mercado. Uma maneira de fazer isto era empregar palestinos como trabalho assalariado – socialismo para os

pioneiros judeus, exploração capitalista dos palestinos. E finalmente, a ideia de que Israel, em harmonia com os palestinos, faria parte do campo socialista que havia derrotado o nazismo, como propunha o Mapam, já havia se esvaído. Como Bernardo diz em uma das cartas, o próprio Mapai, o partido de Bem Gurion, que buscava se manter no campo político da social-democracia, estava ameaçado, e de fato perderia cada vez mais espaço ante o crescimento da direita.

O RETORNO

Bella e Bernardo no navio, de volta para o Brasil

Quanto a nossa possível volta ao Brasil agora, seria ótimo que também que já tivéssemos a opinião de vocês. De qualquer forma vou tentar explicar tudo o que seria preciso fazer para isso, incluindo a questão do tempo, que agora é fundamental. Em primeiro lugar aqui, do ponto de vista jurídico, não se pode sair do país sem fazer o exército, já que viemos como imigrantes. Mas isso tem se conseguido aqui muitas vezes, por intermédio do consulado brasileiro. Há um mês atrás tivemos o caso

de um "chaver" daqui mesmo que conseguiu isso. Não sei se já escrevi sobre ele. Voltou também com a esposa grávida de 5 meses. só que é uma questão que pode levar tempo, de mês a um mês e pouco.

Em segundo lugar e aí vem o mais sério, é a questão das passagens. Acontece que a Agência Judaica. pagou nossas passagens de ida e para voltar, além da volta, teremos que pagar a da ida também. O preço dessas duas passagens de ida é de 1200 liras, ou 600 dólares aproximadamente. Tem-se conseguido, em alguns casos, não pagar essa passagem. Mas se sabe que é praticamente impossível. O que este rapaz conseguiu agora, e parece ser bem mais fácil, é pagar uma pequena quantidade aqui. 400 liras, e o resto no Brasil, o que sai bem mais barato devido à mutações de câmbio.

Temos ainda como ver antes a questão do tempo. Não sei muito sobre isso, mas imagino que viajar em estado avançado de gravidez não seja tão aconselhável. No dia 10 deste, entrei no terceiro mês. Isso significa que para voltar mesmo, teremos que começar logo a ver as coisas aqui e ver o que é ou não possível.

Uma coisa me deixa chateada. Estou escrevendo tudo isso, colocando um problema desses para vocês, sem saber ao certo como estão as coisas aí, ou melhor, a situação financeira, sem sabermos como poderão, ou se será muito difícil ajudar-nos.

Ainda mais que vocês, meus queridos pais, pais fariam até o Impossível para isso. E é justo o que não desejamos. Um esforço demasiado. É verdade também que, por um outro lado, também temos tempo aqui. Penso que dificilmente, devido à situação deles, os pais do Bernardo poderiam ajudar. Restam-nos a herança aqui que talvez fôssemos dispor (mais ou menos 120 dólares). Esse é o quadro geral que se apresenta agora.

Chedera 29/04/1958

Nem sei bem como e com muito custo Bernardo conseguiu ontem que recebêssemos o dinheiro (a quantia é de 269 liras) em troca de uma assinatura do velho Heller que garante que dentro do prazo máximo de dois meses chegarão cartas do Brasil autorizando a passagem do

dinheiro para nós. Com isto ficamos "ricos" agora. Pela carta de Simon vimos também que vocês nos mandaram 100 dólares dos quais nem sabíamos por que não tínhamos recebido a carta anterior. Foi uma sorte ele ter repetido isso.

Estivemos em Jerusalém na casa das três irmãs do Berish. Na casa de um almoçamos, na casa de outra dormimos e assim passamos lá dois dias. Vimos muitos lugares interessantes e fomos a uma lindíssima comemoração do levante do gueto de Varsóvia na qual vimos também o presidente e Naum Goldman que discursou. Foi interessantíssima esta nova visita. As primas da senhora, mamãe, são muito cultas, inteligentes e agradáveis. Uma delas, a mais velha, disse que se lembra bem de "Chaiele". Temos muitas lembranças delas ao Berish, Raquel e as crianças, bem como à vovó e alguns presentes que eles fizeram questão de mandar.

Assim, mais três dias e estaremos no navio. Mais um mês e estaremos com vocês. É por isto que apesar de saber das dificuldades que teremos que enfrentar não posso deixar de estar contente. Parece um sonho saber que daqui a tão pouco tempo poderemos abraçá-los. Nosso filho também vai ficar contente de nascer perto dos avós e de toda a família.

Tomada a decisão, começam as providências. Bernardo pode ser chamado para servir o exército, é preciso comprar a passagem de volta e pagar ou que perdoem a passagem de vinda, eles não têm dinheiro, e precisam viajar antes que a gravidez esteja muito adiantada. Bernardo consegue a dispensa, resolve de alguma maneira a questão do reembolso da passagem de vinda, e, no último momento, conseguem receber o dinheiro da uma herança com o endosso do pai de Bernardo Heller, Benzion, em troca de futuras cartas dos herdeiros que não sei se chagaram a ser enviadas. Eram 269 liras, o que, convertido em valores atuais, equivaleriam a 7 mil dólares. Em algum momento eles falam que a herança incluiria ainda parte do valor de uma casa, mas isto não é mais mencionado. Saem de Israel no início de abril, com uma escala de uma semana em Marseille para trocar de navio, e chegam no Rio de Janeiro no dia 15 de abril.

EPÍLOGO

Firmina, Helena, Bella e Solange, 1959

Meus queridos pais,

No mesmo dia em que vocês foram embora, recebemos um telefonema do titio. Conversamos com eles e soubemos que vocês fizeram uma boa viagem.

Nós retiramos já os baús e eu estou só nas arrumações. No meio dos livros encontrei aquela lista de enxoval de bebê que estou mandando. Não tenho muita base para saber, mas acho que ela é um pouco exagerada. Já estive no médico, fui no primo do Bernardo. Ele me fez um exame superficial, tirou a pressão e disse que está tudo em ordem. O que serão precisos é de alguns exames de urina, sangue e não sei o que mais.

Recomendou-me para isso que procurasse me inscrever na Policlínica de Botafogo onde isto é feito com um mínimo de despesas bem como aulas, e

uma inscrição para o parto sem dor a partir do 7º mês.

Estive lá e conversei com o médico que me pareceu muito competente, vou mais gostar de fazer os exames aqui e o início do curso e ter a criança em Belo Horizonte.

....

Ainda estamos conversando e pensando em ir para Belo Horizonte quando isso for decidido, mas não temos nada resolvido. Estamos esperando carta de vocês, logo mais escreveremos ou telefonaremos e resolveremos isso. Vai depender de onde e como fazer os exames, o curso e o enxoval. Por que ficar muito mais tempo sem começar nada disso é impossível. E eu ir para aí agora significaria ficarmos eu e Bernardo longe um do outro cinco meses.

Bernardo começou ontem a trabalhar. Ele está muito entusiasmado. Estou com a impressão de que esse é o trabalho feito de encomenda para ele. Exige muito dinamismo, agilidade, esperteza e é disso que ele precisa. Além disso, estão entregando tudo nas mãos dele. Ao que parece, o pai do Melinho quer mesmo que ele e Bernardo tomem a direção da fábrica. Se só tudo correr como se espera...

Rio, 29/7/59

Meus queridos pais,

Afinal, depois de muito custo, consegui encontrar um pedacinho para escrever. Também estou com um azar daqueles nos telefonemas. Já há dois domingos não consigo falar com vocês. No primeiro ninguém atendeu e domingo passado quando a senhora falou com a Guiomar eu antes de sair para a praia pedi uma ligação, chamaram alguém aí e disseram que alguém lá loja atendeu e tirou fone do gancho. Não sei o que foi isso. Dia 23, parece que foi uma quarta feira. Também pedi uma ligação, que demorou e não saiu. Queria cumprimentar o papai pelo aniversário (não pense que esqueci) e contar que a Solange deu os primeiros passinhos sozinha.

Recebemos a encomenda. Os ovos chegaram muito bem, imagine a senhora mamãe, que tenho agora menos que ½ dúzia. E eu que pensei que

eles não iam acabar nunca. Mas eu os aproveitei muito bem, e os tomates também.

Solange nasceu em 27 de agosto, Bella entrou em uma depressão pós-parto severa, e algum tempo depois se mudaram para Belo Horizonte. Bernardo se dedicou ao comércio de móveis. Simone nasceu em 5 de agosto de 1962, dia de aniversário de Bella, e Sérgio em 1965. Em julho de 1977 Bella sofreu um aneurisma e faleceu de repente, aos 40 anos. Sérgio também faleceu subitamente em 1991, de meningite, e Bernardo viveu em Belo Horizonte até 1995.

Emilio Grinbaum era médico cardiologista, amigo, e escrevia crônicas sobre medicina, psicanálise, judaísmo, política e sociedade, que foram mais tarde reunidas em um livro, Crônicas de um Médico, publicado de 1975. Foi quem atendeu à Bella no final da vida, e deixou registrado seu testemunho:

Recentemente, no sábado e domingo passados, deprimi-me e chorei como há muito tempo não fazia. Vivenciando o massacre do modo de existir e ser atuais, pensava que toda forma de afeto ou sentimento não poderiam existir em mim.

Uma perda importante, e daí? O que passou, passou e bola para frente. E constatei: nada ou ninguém massacra os afetos. Não é só a razão que diferencia o homem dos demais animais, pelo contrário, na afetividade é que reside a base para a possibilidade da vida do ser humano. Quando acompanhei a evolução da doença e morte da grande amiga Bella Schwartzman Wajnman é que constatei quão frágil é a vida e como é vital viver, em comum ou juntos, a alegria e a dor, a tristeza e o prazer, o amor e o ódio, a sinceridade e a fraternidade. Pouca gente conheceu Bella. Era simples, retraída, humilde, humana, afetiva e capaz. Adorava todos os familiares, assim como todos os amigos, rindo ou sofrendo com todos. Morreu jovem, com uma hemorragia cerebral que lhe apagou a vida e a memória. Se esta foi extinta para ela, não o foi para mim. Acompanhei durante anos o seu evoluir, que foi meu também. Guardei e guardo para a minha história, as lutas, conquistas e anseios de Bella. E ela, após lutas e sacrifícios, acompanhada de seu marido Bernardo e filhos Solange, Simone e Sérgio, quando se preparava, e depois de balancear todos os

seus aspectos vivenciais pregressos e atuais, para a própria realização de seu maior sonho, perdeu a oportunidade de se tomar psicóloga.

APÊNDICE: AS CARTAS

Rio, 13/05/1957

Bella, *iccará!*

Conforme combinamos, estou lhe escrevendo certo de que você estará fazendo o mesmo. Já no segundo dia que estamos separados, começo a sentir uma sensação estranha: a da separação. Nós nunca nos separamos desde o início. Mesmo quando nossa *zug* engatinhava, os nossos encontros diários (horário A, B, C, etc.) tornaram se como parte de nossa vida. E agora, quando mais alta, mais profunda se torna a nossa relação, temos que nos separar. Mas não importa, isso é somente o prelúdio de algo bom e feliz que nos espera.

Esta é a segunda carta que lhe escrevo. Que distância entre a primeira e a segunda! Quanta coisa aconteceu.

Lembro-me bem de como você escreveu que lá em Poços de Caldas; você pressentia que estava no limiar de um novo mundo. E era verdade. Você pela primeira vez, via judeus com uma vida nacional judia. Não importa se era baseada em religião ou no completo afastamento da "terra onde vivemos". O importante é o princípio: a existência de um sentimento nacional de judeu. sentir-se parte de um todo grande e forte, que lutou e luta por sobreviver e do qual nós, jovens conscientes, temos que ser a vanguarda.

É isso que eu espero que você sinta agora. Para você, isso é o mais importante, pois, nossa linha de verdadeiro socialismo revolucionário sei que você concorda e sente. Não basta apoiar a luta pela revolução social, ela deve ser acompanhada pela revolução nacional.

Bella, aqui não há muitas novidades. Conversei com Slhomó e chegamos a algumas conclusões. Sobre a viagem ficou de que devemos fazer todos os esforços para seguir no dia 18. Senão, pelo menos mandar a bagagem. Não é aconselhável, no caso de seguir dia 3/7, entrar na delegação brasileira ainda

no Basil e sim na França. A diferente é somente de 5 dólares (mais ou menos 350,00) do trem Havre-Paris, que os membros da delegação terão de graça.

Quanto ao casamento, fica a nosso critério, baseado na necessidade, principalmente, de sua casa. Sobre isso, falei com *outros chaverim, e a* opinião é a mesma. Portanto, Bellinha...

Quero saber se você levou um formulário médico da Legação de Israel e se já começou a preenchê-lo. Se não recebeu escreva logo, e eu lhe mandarei. Belhinha, sria bom que você estudasse *Ivrit*. Talvez algumas aulas com o *Lerer.*

Bom, vou parar por aqui. Aguardo ansioso notícias sobre a reação de seus pais, mas tenho certeza de que você é suficientemente forte. Lembranças para o Simão.

Tchau, querida.

Do teu *bachor* Bernardo.

OS; Se houver necessidade Shlomó prontificou-se a falar com seus pais sobre o Kibutz, Eretz, etc. Responda sobre isso.

Bahia, 21/06/1957

Estamos agora na Bahia, onde fizemos um belo passeio. Com muitas saudades nossos beijos e abraços

Bernardo e Bella

Dakar 26/6/57

Queridos papai, mamãe, Simão e Jaques

Amanhã cedo chegaremos a Dakar. Imaginem vocês, já passei do meio da terra quando atravessamos o equador anteontem, foi uma farra tremenda. Ouve jogos e brincadeiras o dia todo, foi um tal de jogar água um dos outros que não acabava mais. Por fim, para culminar, um animadíssimo baile tipo carnaval com serpentinas, confete e peninha (isto é do carnaval francês, jogam-se peninhas de cores que se pregam na roupa e cabelos). As brincadeiras são todas muito mais sadias do que as dos brasileiros, porém nada que se compara ao nosso samba.

Bem, mas o mais interessante do baile foi que os *tsofim* só ficaram assistindo. Porém, não importa, temos programa o dia todo, pela manhã aulas de *Ivrit*, um *chaver* falou sobre teatro, o Bernardo falou duas vezes sobre cinema e houve discussões políticas, ensaios para uma festa que vamos preparar para quando chegarmos a *Eretz,* planos de passeio etc. etc. Assim o dia está cheio.

Outra coisa: o navio dá um sono e uma moleza tremenda. Nas horas vagas dorme-se. Assim não sobra empo para nada.

Vocês receberam minha carta e os outros cartões da Bahia com certeza. Passeamos lá um bocado. A cidade em si é feia e velha, mas as praias são lindíssimas. Provei o vatapá, caranguejo assado, coco verde etc.

Seria ótimo se eu pudesse receber notícias de vocês. Estou com muita saudade de todos. Amanhã mandar-lhes-ei esta carta e um cartão de Dakar. Depois a próxima parada será em Barcelona, parece que no domingo, pode ser que iremos assistir a alguma tourada. Quanto ao “paraíso", nada se sabe ainda. Vamos ver o que é possível na França. Para lá temos um programa excelente, Cannes, Monaco, etc. etc.

Bem, que tal estou ficando? chique, não? Só é pena que vocês não possam estar aqui comigo também. Mas eu já abri caminho. Sei que irei receber visitas de todos em breve em Israel, não é mamãe? A da senhora é a primeira. É bom ir comprando sempre bilhetes de loteria.

Mamãe, acho que vou comprar na Itália, além de outras coisas, uma cafeteira elétrica. Disseram que é muito barato lá.

Queria perguntar muita coisa de casa, de vocês todos, mas não adianta porque não poderão responder.

Vovó está em casa ainda? Se estiver receba um grande abraço da sua neta e muitos beijos.

A todos abraços e beijos da filha e irmã Bella.

Bernardo manda lembranças.

Barcelona 1 de julho de 1957

Meus queridos pais, essa carta que enviei de Barcelona não pode contar nada ainda daí porque eu estou escrevendo do navio. Lá ficaremos apenas algumas horas, assim sendo vou lhes contar sobre Dakar.

É uma cidade estranha, com costumes bastante esquisitos. A começar pelos trajes que são os mais variados possíveis, coloridos espalhafatosos e talvez por causa do calor, de sedas e tecidos leves. Isso mesmo a roupa masculina, que em alguns casos consiste em uma longa túnica, na maioria das vezes branca. A polícia e os europeus em geral usam shorts e meia de lá até os joelhos.

A miséria do lugar é tremenda e o contraste que se nota entre a vida da população local e as lojas europeias riquíssimas é impressionante. Parece que a exploração francesa é a máxima.

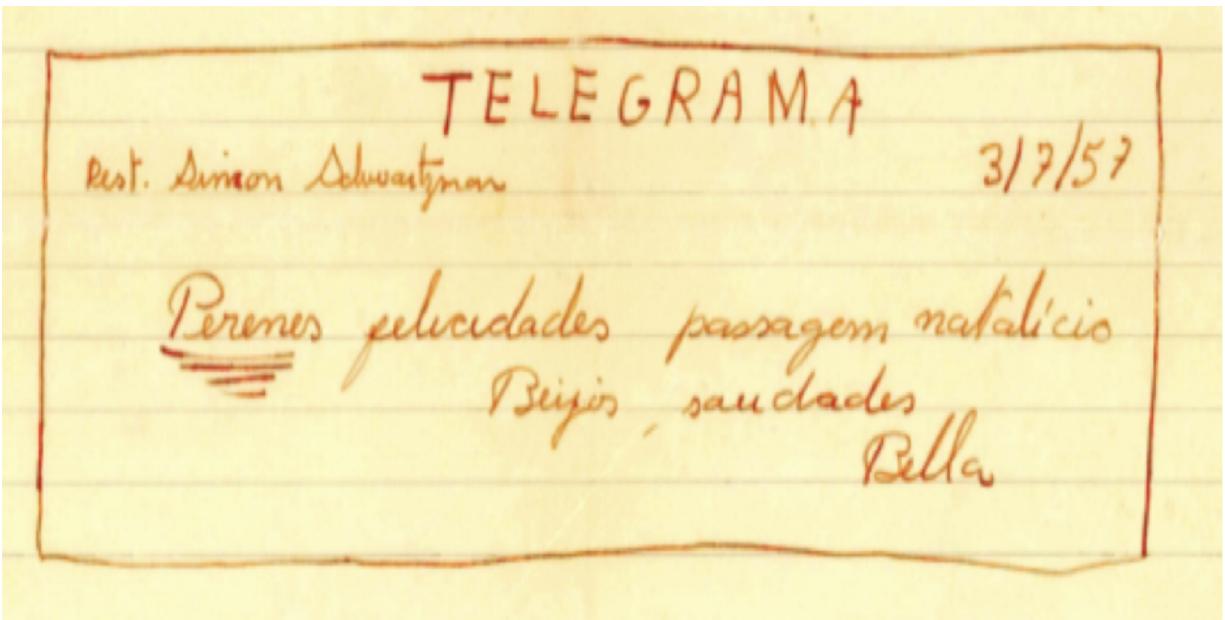
A viagem de navio está mesmo no fim. Terça-feira cedo chegaremos a Marseille. Engraçado como me acostumei aqui. Parece que estou em terra firme e não sinto mais o balanço do navio. Sabem o que estou fazendo agora neste momento? Sentada em uma fila de passar roupa. Vou passar uma camisa do Bernardo e uma blusa minha. Imaginem só! Essa vida de casada… E onde está a igualdade dos sexos?

Seria tão bom que eu pudesse receber a notícia de vocês todos… fico sempre imaginando o que estão fazendo e o que se passa por lá. Queria perguntar-lhes tanta coisa…sim, as saudades são muitas, mas quero que saibam que tenho uma vida maravilhosa. Tudo tem corrido muitíssimo bem. A viagem toda me parece um sonho.

Vovó com certeza já foi para casa, não? Olha, vocês devem ir escrevendo sempre para mim. Quando estivermos em *Eretz* iremos receber todas as cartas juntas de uma vez só. Escrevendo sempre não esquecerão nada e aí eu irei saber montão de coisas de uma só vez. Tá?

TELEGRAMA

Dest. Simon Schwartzman 3/7/57

Perenes felicidades passagem natalício
Beijos, saudades
Bella

Jacques, já achei um bilhete seu. Caiu de uma roupa minha, quase morri de rir.

Mamãe, papai Jaques um grande abraço apertado e muitos beijos para cada um de vocês da filha e irmã Bella.

Bernardo manda lembranças.

Mônaco 3/7/57

Bom dia. Estou lhes escrevendo dos muros do Palácio de Mônaco. Estivemos antes em Nice. Segue carta. O passeio está ótimo e tudo vai bem. Beijos da irmã Bella e Bernardo.

Paris, 11/7/1957.

Minha querida família,

Já deveria ter escrito há muito, porém foi impossível. Não paramos em lugar nenhum. Esses últimos dias foram agitadíssimos. Dia dos deste o nosso navio ficou parado todo dia em Barcelona. Descemos, visitamos a cidade, subimos para um bondinho parecido com o do Corcovado no monte Tibidabo donde vimos um panorama lindíssimo. Acontece que ninguém gostou de Barcelona. É tristíssimo. Todos (todos é exagero) se vestem de preto, não se ouve música nas ruas e é muito triste todo o aspecto da cidade.

Bem, depois de Barcelona aconteceu tanta coisa... e agora estou em pleno Paris. Estamos em um lugar magnífico. É uma casa de estudante onde moram somente moças. Os rapazes vieram para aqui porque estamos somente a passeio. Temos aqui um quarto separado para cada pessoa e todos muito bonitinhos. As refeições também são muito boas e aqui se come muita verdura e frutas. Não há refeição onde não seja servida uma salada e legumes.

Porém o melhor de tudo é o nosso programa. Temos um pequeno ônibus e um guia à nossa disposição e por isso aproveitamos bem o que vemos porque temos explicação de tudo. Estou me sentindo tão importante. Imaginem o que já vi aqui. A Torre Eiffel (ainda não subi lá) o Arco de Triunfo (maravilhoso) fomos ao Folies Berger (é um espetáculo com teatro de revistas, porém riquíssimo). Nós, é claro, ficamos em cima, no balcão (porém assim foi bom porque o binóculo pode ser usado) e anteontem fomos, sabe onde? A um cabaré. Que acham disso? Fomos a este lugar em Montmartre pensando ver lá não sei que coisas. Mas não vimos nada demais o lugar é assim escuro uma casa antiquíssima decorada com toda espécie de pinturas e coisas antigas. Quando entramos tivemos a impressão de um lugar pequeno e pensar pensamos que não ia caber mais ninguém. Qual é nossa surpresa ao ver que entramos e nos sentamos todos e depois continuou a entrar gente até não poder mais. Lá não havia pista de dança o que achamos muito estranho. Esperávamos mulheres nuas, gente se rebolando. sei lá, alguma coisa desse tipo. Porém foi o contrário. O ambiente é o mais sadio que se pode imaginar. O que é havia era gente cantando solos e coros com vozes lindíssimas. Depois um programa muito bom, canções, um tocador de

guitarra, piano e declamação (pena que não entendemos nada). Tocaram para nós a "Mulher Rendeira", é uma música que muitos conhecem por causa do filme "O Cangaceiro".

Não sei se poderei contar tudo a vocês, mas pelo menos as coisas principais fomos ao museu do Louvre e gostamos muito. Ontem visitamos com um grupo de poloneses de ônibus a cidade, construção etc. O bom foi que conversamos com eles e eles contaram muito sobre a Polônia. Falam que agora se libertaram (é a expressão que eles usam) da URSS e o regime está bom agora. É o primeiro grupo de estudantes que recebe o auxílio para uma viagem dessas pela Europa.

E agora é isso para o Simão. Estivemos antes de vir para cá em Lion, uma cidade da França industrial e bem socialista. A primeira coisa que vimos ao entrar na cidade foi uma feira do Partido Comunista. Ficamos logo curiosos e à noite despachamos nossa guia e fomos ver o que era. Pena que chegamos lá quase às 11hs, hora em que terminava tudo. Para nós foi surpreendente ver a liberdade com que se fala, os cartazes, a animação e tudo mais. Parece até impossível que seja mesmo o partido comunista. A feira é enorme, vende-se de tudo, come-se, há um lugar onde se dança e é uma festa tremenda.

Vou contar-lhes algumas coisas que fizemos antes de chegar à Paris. Descemos em Marseille e depois passamos por Cannes, fomos a Nice e já ficamos em um albergue estudantes. Vimos os cassinos e até entramos em um. Passeamos pela cidade, ficamos de boca aberta com o luxo e a ostentação do lugar. O pior é que tudo se paga. Para pesar, para tomar água pura em um bar ou sentar-se em um banco de praça. Depois estivemos em Mônaco e visitamos Monte Carlo, é impossível explicar o que vimos o que sentimos nesses lugares. As vezes tenho a impressão de que nem é verdade tudo isso de tão maravilhoso. Bem, assim terminamos a costa da França. mar do Pacífico *(sic)* é muito mais azul e a paisagem é uma coisa louca por toda a França. Toda a terra é cultivada e as estradas cortam todo o país.

Agora, voltando a Paris. Dia 17 partiremos daqui para Viena. ainda não se sabe nada sobre o paraíso. Esses dias iremos Versailles, e 13/ 14 de julho há bailes populares pelas ruas de Paris.

Bem, agora tenho que terminar aqui porque vamos sair para fazer compras, ou melhor, olhar vitrines. Já comprei para mim uma blusa branca de nylon

que não é transparente muito bonita que lava seca em uma hora. Ela pode ser usada por cima da calça comprida o que é muito prático comprei também um sapatinho branco e uma bolsa (carteira) branca. Agora quero comprar também uma sandália que está me fazendo falta. Viu mamãe que virei *Baleboste (boa dona de casa)?* Minha roupa toda está limpinha porque em todo lugar que vamos sempre lavamos o que usamos e passamos ferro. Assim é mais prático e temos sempre a roupa fresca e limpa. Embora pareça incrível minha mala está sempre arrumadinha e eu posso quase sempre tirar a roupa sem precisar passar. No princípio custou um pouco para que eu conseguisse arrumar tudo e ter tempo de passear, mas agora dá tempo até para que eu olhe as coisas do Bernardo. Já sei passar calça de homem e paletó. Que tal? Só minha anágua é que mandei lavar engomar um pouco no tintureiro porque é muito difícil no hotel. Eu estou rica, isto é, meu marido é rico, não é?

Com o dinheiro está acontecendo uma coisa engraçada. Resolveu-se que cada um entregasse sua taxa e guardasse o resto para comprar as coisas que precisam. Somente cartas, comida e condução seriam pagas pelo dinheiro em conjunto. Isso quer dizer que não se pode mandar cartas à vontade. Somente para os pais. Em todo o caso, é bom porque não dá tempo mesmo para escrever porque agitação é muita. Por isso vocês me desculpem com as meninas, titio vovó etc. e deem muitas lembranças a todos. De Eretz escreverei. Parece que iremos chamar um navio dia 12/8 para Israel. Para casa, entretanto escreverei sempre contando tudo até os mínimos detalhes.

Mamãe recebeu o meu presente? Visitamos numa fábrica de perfumes excelentes e não muito caros aqui por isso mandei o vidro para a senhora. Mas é para usar, está bem? A marca é das melhores

Bernardo está aqui me dizendo para mandar por ele um abraço a cada um de vocês. Ele escrever não escreve mesmo. É preciso é preciso até que eu dê um jeito para que ele escreva para a casa dele. Com certeza agora os meninos estão de férias, não? Simão, dê um jeito de fazer o vestibular estudar muito para poder me visitar breve. Papai um grande beijo para o senhor um grande para mamãe, Simão e Jacola. Lembranças à Manoelita, ela saiu mesmo? Lembranças ao pessoal da A.J.I.

Com muitas saudades da filha irmã que muito os quer

Bela

Da Itália onde comprarei a máquina fotográfica mandarei retratos.

Paris – Arco do Triunfo

O Arco do Triunfo foi a primeira coisa que vimos ao chegar a Paris. É um espetáculo lindíssimo e impressionante esse monumento. Em volta esse turbilhão de vida que é Paris.

Beijos a todos

Bella

Viena 20/7/57

Minha querida família,

Estamos passando uma temporada agradabilíssima em Viena. Pena o tempo que está mau. Chove e o verão europeu nada fica a dever ao inverno brasileiro.

Tudo aqui vai muito bem, de saúde estamos ótimos, Bernardo manda muitas lembranças e diz que quando "tiver tempo" escreverá alguma coisa. Segue carta bem mais detalhada.

Muitas saudades, beijos, Bella e Bernardo

Viena 24/07/57

Queridos papai, mamãe, Simon e Jacques,

Estamos na Áustria agora já de partida e tudo vai às mil maravilhas. O passeio tem sido formidável. Já podemos dizer que conhecemos um pouquinho do mundo. Viemos de trem para cá no dia 17, estamos alojados em um albergue estudantil muito bom e temos passeado por todo canto. Não escrevi antes porque estava esperando que se resolvesse para onde vamos agora. Mas ainda não está resolvido e eu decidi escrever assim mesmo.

Bem em Viena vimos algumas "coisinhas". Um museu de pintura muito interessante, o Palácio onde viveram os reis da Áustria, riquíssimo, e os famosos bosques de Viena, nos quais passamos uma tarde divertidíssima. O mais interessante, porém, é que está se apresentando agora aqui uma companhia brasileira de folclore, “A Brasiliana", composta de negros e que tem feito um sucesso aqui. Conseguimos, como estudantes brasileiros, entrar lá de graça e assistir o espetáculo. Foi uma maravilha. Falamos o português até cansar e ouvimos com delícia os crioulos com suas gírias. Talvez não tivéssemos apreciado tanto o espetáculo se não estivéssemos tão longe do Brasil. Houve o número de carnaval no qual nós da plateia participamos e um de nós até foi chamado ao palco para dançar com eles o samba. No fim nós é que fomos a atração da noite, pois todo o público nos olhava desconfiado que éramos brasileiros.

De passeios foi só, aqui em Viena não há muito o que fazer o que se ver. Já ia me esquecendo que fomos também a uma apresentação da juventude austríaca onde os números não passavam do coro, valsa, Danúbio Azul, piano, valsa vienense. Valsa de Strauss. Bem, assim por diante.

Aqui no albergue a vida é agradável, as acomodações são passíveis e a comida é substancial e boa. Só não gosto é do pão preto. Em compensação aprendi a comer iogurte e gosto muito. De saúde vou muito, muito bem.

Os retratos que estou mandando são da máquina de outro *chaver.* Ontem é que eu e Bernardo compramos a nossa, uma beleza, vocês vão ver pelos retratos que vamos mandar depois. Bernardo comprou também uma gaita para ele pois ele gosta de tocar. Mais uma qualidade do meu marido.

Hoje é dia 25. Recebemos agora a resposta. Nós vamos. Por isso não escreverei uns 15 a 20 dias. Estamos exultando porque quase havíamos perdido as esperanças.

Mais uma coisa, agora viajaremos para *Eretz* no dia 29 de agosto.

Muitos, muitos beijos e abraços para vocês. Depois terei muito o que contar. Estamos satisfeitíssimos, vai ser uma maravilha. Mas por favor, *sheket (calados),* porque isso não pode chegar aos ouvidos de ninguém. Só vocês é que sabem no Brasil. É sério mesmo.

Vou parar por aqui agora. A animação é grande, estamos em um movimento louco agora.

Saudades, beijos, beijos, beijos, um milhão de beijos a cada um de vocês em separado.

Bella.

Tirol (Insbruch) 9/08/57

Meus queridos pais, Simon e Jaques

Tanta coisa aconteceu depois da última carta que mandei a vocês... Vão ficar surpresos quando souberem que acabamos não indo ao festival. A delegação brasileira nos fez a maior ursada. De Paris nos mandaram a Viena dizendo que lá seria certo que poderíamos ir com a delegação brasileira uma vez que 60 de um time esportivo haviam desistido.

Em Viena pegaram nossos passaportes, nos alojaram em um albergue junto com toda a delegação de todos os países que também iriam ao Paraíso e nos deixaram satisfeitos da vida até que um belo dia nos veio a notícia de que não mais poderíamos ir já que na delegação brasileira não havia lugar.

Bem, isso não era verdade porque sabíamos da desistência de alguns, além disso 14 entre tantos não poderia fazer grande diferença. Resolvemos então não dar o braço a torcer. Dissemos que não aceitávamos a decisão, que nos haviam prometido e que não podiam voltar atrás e que sabíamos que problema de lugar não era. Bem, depois de telefonemas para Moscou, para os chefes da delegação brasileira para lá e para cá, recebemos uma resposta. Iríamos. Foi quando toda satisfeita lhes enviei aquela última carta. Imaginem vocês até que nossas malas levamos para a estação. Depois ficamos esperando o visto soviético e ele não veio.

Depois conversamos com um dos chefes da delegação brasileira que a essa altura já estava em Moscou reclamando, mas nada. Disseram-nos que a comissão havia se reunido novamente e revogado a decisão. O motivo foi o de que como dissemos no Brasil iriamos fazer um curso e ficar dois anos em *Eretz*.

Mas não há de ser nada. O passeio está cada vez mais maravilhoso. Estamos agora no Tirol e aqui é lindo. Temos feito excursões pelas montanhas, subindo e descendo para chuchu. subimos em uma altíssima por um bondinho que faz a distância umas 2 ou 3 vezes mais que o Pão de Açúcar. Me deu um medo!

Mas o lugar é lindo. Tudo aqui é inesperado. Os trajes, os modos. É engraçada a vida europeia. As mulheres então como são diferentes do Brasil, quase não se pintam, usam todas as roupas bem práticas, aquelas que nós

achamos horríveis, mamãe. Mas agora é que descobri por que os sapatos são assim. Os nossos quase não duram. Eu mesmo já comprei um outro preto.

Quero que vocês me desculpem muito muitíssimo por eu não escrevia mais e sempre, mas a vida é tão agitada conosco, o movimento é tanto que não dá... mas eu não esqueço de vocês todos um minuto sequer, pena que não possam estar comigo agora quando está tudo tão bom. Papai com certeza soprou velinhas de vez passada, não? Receba os votos de muitas, muitas felicidades e beijos da sua filha. E este mês foi o meu. Foi um aniversário maravilhoso. Tivemos uma farrinha de comemoração, ganhei um presente de todo o pessoal, uma peça típica (de enfeite) do Tirol e do meu marido uma caixinha de música linda que é uma fruteira. Amanhã de manhã cedo às 8:00 partiremos para Verona, na Itália.

Agora tomaremos o navio dia 29, não sei se já escrevi a vocês. Na Itália ficaremos um pouquinho em cada cidade. Visitaremos Capri, Veneza, Milano, Florença, Roma etc. até chegar aonde tomaremos o navio. Já estou ansiosa pela Itália! Hoje fizemos a conta. Vai ser o nosso sexto país. Olhem! África ocidental francesa, Espanha, Alemanha, Áustria.

Estou muito contente porque eu vou agora poder receber notícias de vocês. O endereço é o seguinte:

A bordo do SS Aliá Porto de Gênova Companhia Zim Itália.

10/08/57

Estou agora no trem de saída para a Itália não vou mandar a carta daqui porque não dá tempo.

11/8/77

Estou agora na estação de Verona, esperando o trem para Veneza. São 2 horas daqui. Passamos ontem o dia aqui e gostamos muitíssimo. À noite vimos um espetáculo grandioso. Uma ópera de arena em um estádio no qual assistimos à apresentação de “Carmen”, 34 mil pessoas. Ficamos impressionadas de como os italianos vibram com a ópera e bisam cada pedacinho. São formidáveis os italianos, igualzinho aos que vemos nos filmes.

Hoje visitamos as casas onde viveram Romeu e Julieta e eu tirei um retrato bem abaixo da sacada da Julieta. Bom, por agora é só. Vou mandar a carta

agora. O trem já vai chegar. Bernardo está aqui impaciente. Beijos. Beijos, um milhão de beijos a cada um de vocês e muitos abraços

Bella

Não reli a carta, não liguem e se estiver maluca.

Veneza

Meus queridos,

Estou agora sentada na praça de São Marcos em Veneza. Fizemos um lindo passeio por aqui hoje e tiramos muitos retratos com os pombos na mão.

Todas as ruas daqui são como essas do cartão. As casas parecem ter nascido dentro da água. Todos o meio de transporte é feito por meio de barcas gôndolas e lanchas. Só não é possível sair nadando. Só não sei como os garotos jogam suas partidas de futebol.

Espero ansiosa uma carta de voc6es, muitos beijos e abraços

Bernardo e Bella

Roma 20/08/57

Meus queridos.

estamos agora na tão falada, na famosa Roma. Na Itália sentimos como se estivéssemos voltado para a casa. Pensem bem, Viena e Áustria em geral é um outro mundo. Lá existe um nível altíssimo de civilização. A todo minuto nós, os brasileiros, estamos dando trabalho por jogarmos lixo nas ruas ou por atravessarmos a rua sem olhar o sinal de pedestres. Um dia, o guarda que dirige o tráfego veio até perto de mim e de outra menina para nos passar a maior esculhambação por causa disso. Sempre demos show, era na hora de falar porque brasileiro sempre grita quando fala ou era por qualquer outro motivo. Nos sentíamos na Áustria quase como selvagens. Tínhamos medo até de nos mover e causar qualquer confusão. Mas na Itália é outra coisa, aqui a vida é outra! Só se entra nas conduções aos trancos e barrancos, não se fala nas ruas, se grita ou se pragueja. Não se pode andar nem acompanhada que ouvir gracejos. já nos avisaram também para tomarmos muito cuidado com a bolsa. Eles são terríveis. São terríveis, mas são formidáveis. Como os brasileiros

Temos visto coisas que nem em sonho poderíamos imaginar Veneza é um encanto. É das cidades, pelo seu conjunto, a que mais me impressionou. Pena que lá ficamos somente dois dias, mas pudemos visitar uma fábrica de Murano na cidade do mesmo nome, a praça de São Marcos, onde eu tiramos muitos retratos com as pombas, o café e alguns lugares de filme “Quando o Coração Floresce”.

Hoje já é dia 21. Voltamos agora de uma audiência com o papa. Estivemos vendo-o de um pátio enorme, mas quase perto dele e ouvimos o seu discurso. Havia lá aonde fomos, no castelo Gandolfo, sua residência de verão, grupos que também haviam pedido audiência de diversas nações. O papa saudou cada um deles em sua língua. Falou em francês, inglês, alemão, espanhol, italiano e português. Muitos de nós acharam uma figura impressionante. Eu pessoalmente não vi nada de especial nele a não ser o fato de ele ser o símbolo de algo que sem dúvida é uma grande força. Para mim, ao invés de olhar para ele, foi muito mais interessante observar em volta e ver o fanatismo com que era aplaudido. Mulheres vestidas de preto

com véu choravam e gritavam com histerismo saudando-o. Outros olhavam como se estivessem apreciando o espetáculo mais importante da sua vida.

Aliás toda a força da religião católica é aqui impressionante e não é para menos. Tudo aqui força a isso. As igrejas são qualquer coisa de maravilhoso pela sua grandiosidade é imponência. Estivemos na cidade do Vaticano, percorremos todo o museu e a Basílica de São Pedro que me parece ser a maior igreja do mundo. Sua riqueza e a beleza são indiscutíveis. As outras igrejas que visitamos são também grandiosas. Mas o que mais gostei de ver em Roma foi a famosa estátua de Moisés. Ficamos uma boa meia hora em frente a ela e não queríamos sair dali. Vocês já podem imaginar como ela impressiona.

Nem quero nem posso contar tudo que tenho visto. Não teria palavras para descrever muita coisa. Tudo é novo, famoso, impressionante, grandioso, magnífico. A vocês meus pais tenho que agradecer a oportunidade de me permitir ver e viver tudo. Tenho sentido muitíssimas saudades de vocês, Simon e Jacques, mas estou muitíssimo bem, nada poderia ser melhor. Tenho me adaptado bem ao grupo e eu e Bernardo somos felicíssimos.

Espero ansiosa uma carta para o navio como já lhes escrevi antes. Gostaria que me mandassem para *Eretz* e uma explicação daquela "famosa" herança. Existe mesmo algum dinheiro? O que é preciso fazer? Sabem por quê? Porque quando se chega lá tem-se alguns dias de férias que se tira quando se deseja. Bem, dinheiro nesses casos nunca é demais.

Quero que vocês me escrevam sobretudo, mais uma carta bem longa de cada um de vocês contando tudo, tudo, tudo mesmo o que tem acontecido por aí.

Já ia me esquecendo de contar que estive também na praça da Espanha e na fonte de Trevi dos filmes "Garotas da Praça Espanha" e "A Fonte dos Desejos".

Estou mandando negativos de retratos que tirei com a nossa máquina e um retrato que tirei do Bernardo. Já aprendi a regular a máquina e tudo.

Os negativos que estão juntos foram tirados na praça da basílica de São Pedro. O que estão de pé foi tirado em Verona na porta da casa onde viveu Julieta de Shakespeare. O outro, nem é preciso dizer, foi tirado em Veneza (é bom mandar fazer as fotos ampliadas, senão ficam muito pequenas).

Não reparem a diferença de tintas. É para dar mais *it*.

Beijos, beijos e mais beijos a todos vocês da filha e irmã

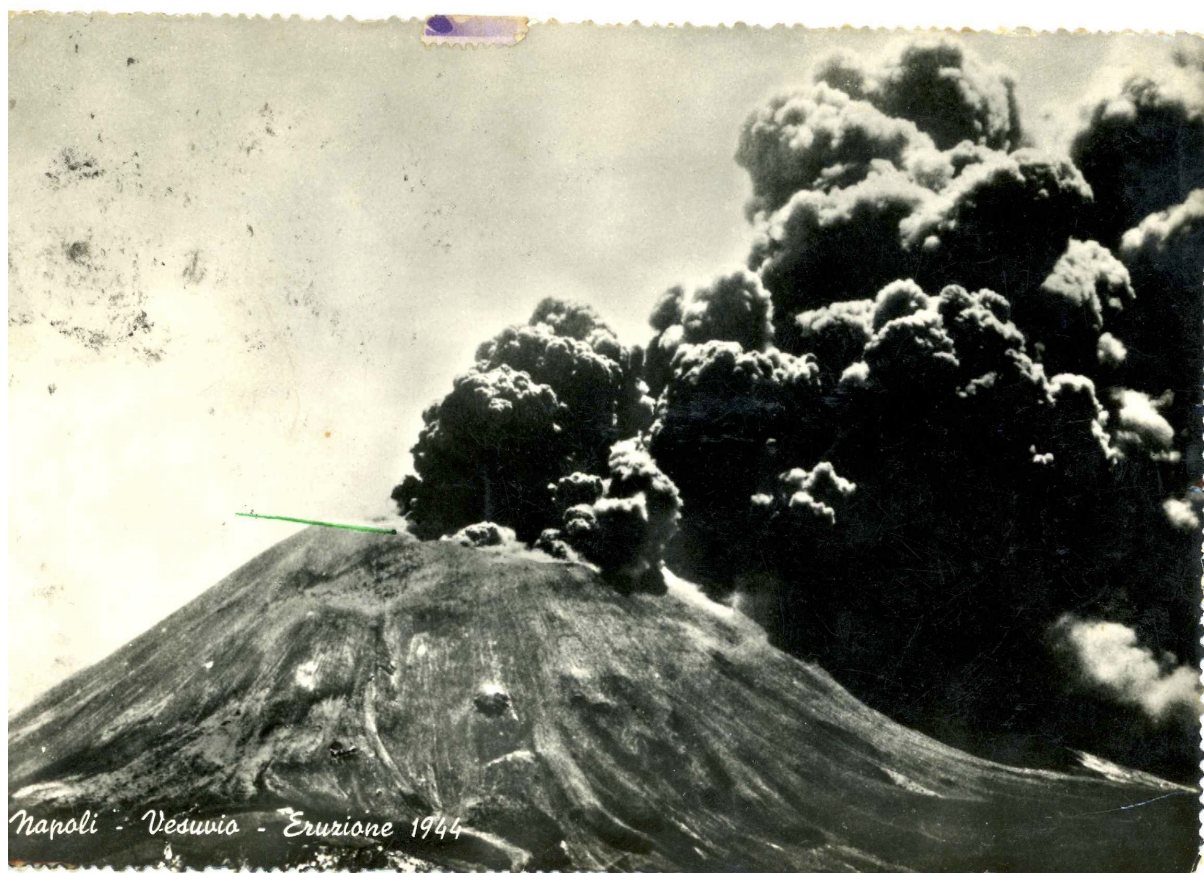
Bella

Bernardo manda lembranças.

PS A foto na qual estou com Bernardo, onde se vê um carrão ao fundo, foi batida para que vocês pudessem ver o último carro que acabamos de adquirir.

Nápolis 25/08/57

A Itália é interessante porque cada cidade tem uma característica diferente. Napoli para nós em 3 dia significou somente Pompéia, a cidade soterrada pelo vulcão, a falada ilha de Capri e a subida no Vesúvio. Fomos até o ponto marcado em tinta subindo por um bodinho pior que o do Corcovado, uma cadeirinha de dois (foi um medo...). Mas interessantíssimo. Valeu o susto.

Partiremos agora para Gênova, onde tomaremos o navio.

Genova, 28/08/57

Foi uma alegria tremenda receber a carta de vocês. Embarcaremos amanhã. Espero carta de vocês dia 5 quando chegar em Eretz.

Beijos, beijos, beijos , Bella e Bernardo

28/8/1957 (Para a família Abel Golembiovsky)

Queridos tios e primos,

No nosso último dia na Europa, escrevo-lhes este cartão. Foi realmente algo de maravilhoso a nossa tournée pela França, Áustria e Itália. Tudo tão diferente do que estamos acostumados a ver, nos sentimos em outro mundo. Bem, amanhã partimos para Israel. Finalmente nossos ideais se concretizarão. Espero que algum dia ainda nos vejamos. Saudades de Bernardo e Bella.

Genova 28/8/1957

Queridos pais,

Finalmente, amanhã embarcaremos no navio para *Eretz.* Já estamos realmente cansados de tanto viajar, mudar de cidades e ver coisas novas e estamos impacientes para ter um lugar fixo, uma vida regular. De resto tudo bem. Estamos muito contentes e felizes. Espero logo carta de vocês para *Eretz*. O endereço é Kibutz Iassur, P. O. Box 278, Haifa, Israel. Escrevam contando a situação de vocês, da loja etc. Saudades do Bernardo e Bella.

Kibutz Iassur 9/09/57

Meus queridos, cheguei aqui do Kibutz já há 4 dias e desde o primeiro tencionava escrever-lhes. Sei que estão ansiosos por saber tudo sobre a chegada, o Kibutz, Eretz. justamente por isso não escrevi antes. Não podia. Todas as impressões foram tão novas, tão fortes e a confusão era tanta que não se podia saber em que mundo estava. Também esperava encontrar aqui alguma carta de vocês, pelo menos do Jacques que não escreveu ou do Simão que fingiu que me mandou uma carta. Francamente, estou decepcionada com vocês. Afinal de contas são quatro contra um. Escrevam, escrevam logo, sim? E me contem tudo, tudo, tudo. Como é seu curso, Simon, e por que resolveu fazê-lo? Mamãe gostou da Serra do Cipó? A Manuelita ainda está com vocês na casa? Papai, quais são as novidades? Jacques, como vai no estudo? e com o namoro? Outro dia achei uns bilhetes seus do baú, seu malandro.

Bem, agora eu vou contar alguma coisa daqui. Só posso contar do kibutz porque logo que desembarquei em Haifa vim logo para cá e não conheço nada ainda. Agora é que vamos receber do kibutz cinco dias de folga para passear e conhecer o país. Depois teremos também um seminário para estudos fora. Estamos por enquanto com uma vida muito boa porque parte do tempo do trabalho é completada por aulas de lvrit. Assim, por enquanto o trabalho parece canja. Verdade que o das mulheres é 100% mais fácil. Estou agora na cozinha e estou achando muito bom. Mas passarei, assim como todos, por todos os serviços para escolher o meu definitivo. Já me ajeitei mais ou menos e as coisas têm se saído todas muito bem. Até que até que tenho sido caprichosa, sabe mamãe. as broncas da senhora agora estão me valendo. Sabe que as coisas do baú chegaram inteiras? só quebrou do Bernardo o vidro do quadro.

Não sei nem como contar como é o kibutz o que é a vida aqui. Só sei dizer que aqui se vive você vive completamente em todo o sentido da palavra. Depois de um dia de trabalho as coisas parecem diferentes, tudo tem um outro valor. Um quarto limpo, uma cama macia, um passeio ao luar, essas coisas simples parecem maravilhosas. Até o sentar para comer tem um sentido diferente. Depois, toda forma de vida é diferente. Uma família é uma família, os pais são pais, têm seus filhos, mas nada impede que um homem ou uma senhora casada tenha a sua vida completamente particular e dirigida

no sentido que bem lhes aprouver. Não há a ideia preconcebida de que a mulher tenha que cuidar da casa e crianças e o homem de prover o sustento da família. Aqui isso tudo perde o seu valor.

E é uma maravilha quando se vê um diabo de homem suado carregando sacos ou trabalhando com a enxada discutir alta política, filosofia ou, que sei eu, qualquer tratado de pedagogia.

O grande problema nosso agora é a língua porque sem a língua nada se pode fazer. Mas não há de ser nada, isso logo se arranja.

Estivemos ontem em uma representação da delegação Israelita do festival de Moscou. Não pudemos entrar porque, tendo chegado só agora aqui, não estávamos inscritos para comprar os bilhetes e já não havia mais vagas. Mas mesmo assim conseguimos assistir a última parte porque um guarda nos deixou entrar para ficar de pé. Foi uma coisa louca, as danças que eles apresentavam. Talvez eles deem outra apresentação agora no Sabbath e nós possamos ir.

Gente, gostaria muito de receber algumas fotografias de vocês. Vejam se tiram, viu? Não estou mandando agora porque ainda não mandei revelar o último filme, tenho retratos de viagem, mas não posso mandar nesse tipo de envelope.

Acho que o papel não dá mesmo mais. Muitos beijos e abraços a cada um de vocês, lembranças ao titio aos avós e a todos que perguntarem por mim.

Bella

Bernardo manda lembranças.

Iassur 22/09/57

Querido pessoal,

Recebi as duas cartas que vocês me mandaram, acho que nem podem ter ideia de como é bom receber cartas aqui.

Só queria que vocês dessem um jeito de mandar alguns retratos de vocês agora. Se o filme pudesse ser projetado aqui seria ótimo. O projetor daqui é para filmes de 35mm, mas daqui a algum tempo receberemos um de 16mm. Não me lembro qual o tamanho do nosso filme. Escrevam-me dizendo sim?

Sabe, papai, recebi uma carta desse tal nosso primo que está num kibutz se apresentando a mim e convidando me para uma visita ao que kibutz dele que não é longe daqui

Estou muito bem agora e me adaptando bem à vida aqui. Só quero que vocês me desculpem e não se preocupem quando não receberem carta minha. O caso é que o dia a dia é tão cheio que as pessoas como eu não acham um tempo para escrever. Nem é preciso repetir que é o mal da família. excluindo o Simon naturalmente. (já sei Simão é macaco). Mas não há de ser nada.

É lógico que sempre vou fazer o possível e não vou deixar vocês em falta.

Hoje é *Shabat,* mas nós pedimos para trabalhar. Isso porque assim vamos tendo mais dias para o passeio. A cinco temos direito, mas queremos mais para poder conhecer bem o país.

Por isso vocês podem imaginar que o trabalho não é tão duro. Sabem como se trabalha quando se dá as 8 horas? Direto. das 6 da manhã até às 3, descontando as meias horas do café e almoço. Assim que se chega pode-se tomar banho, dormir um pouco e já se está refeito. Eu por enquanto estou na cozinha. Acho que vou fazer a carreira. Imagina que gostaram de mim lá. Toda noite quando fazem escala para os trabalhos do dia seguinte me colocam lá. Todos rodam em diversos lugares, mas a mim não querem deixar sair. E sabem que não é mau? O trabalho é servir as mesas ajudar a cozinheira etc. Mas para imaginar como tudo é prático e mecanizado basta dizer que se pode lavar a louça onde comeram 200 pessoas em meia hora.

Hoje (estou continuando a carta no dia seguinte) já saí da cozinha. Pedi que me colocassem em outro lugar para experimentar. Me puseram para pregar

botões e reparar as roupinhas das crianças. Acho que não querem me dar trabalho pesado. Isso é coisa para a mulher grávida (não, não se assustem).

Enquanto isso vou estudando *Ivrit* (hebraico) que é o meu maior problema. Acho que depois vou mesmo querer trabalhar com as crianças. Pelo que tenho visto é maravilhoso como elas são educadas aqui. Depois já me disseram que aqui se precisa muito de *ganenot* (professoras de jardim de infância) e há possibilidades de fazer um curso espetacular em Tel-Aviv.

Sobre o filme do casamento eu soube agora que de qualquer maneira ele poderia ser projetado aqui pois o kibutz tem um projetor de 8 mm e vai receber de 16. Mas se vocês me mandarem vão ficar sem ele, ou são duas cópias?

Fiquei tão comovida com o dinheiro que vocês me mandaram... só que não era preciso... Estamos bem, o que o kibutz dá o necessário, além disso ninguém aqui fica com dinheiro. não é uma lei, mas é uma coisa que não se faz. Esse dinheiro poderá ficar guardado para quando vocês virem passear aqui ou alguma eventualidade. Ainda não sei bem. Escreva-me sobre isso, sim? E quais são os planos de viagem da senhora mamãe? Coragem. Só de pensar nisto fico maluca. E a senhora nem pode imaginar como para si isso vai ser bom. E o papai, como vão os negócios? O senhor sempre fala que se viajasse queria conhecer *Eretz,* não é?

Simon, sua carta foi um show. Se você pudesse me escrever sempre assim. Gostaria também se você comentasse um pouco da política do Oriente Médio, o que está acontecendo no Brasil etc. seria uma maravilha. Sabe por que, aqui não se pode ler jornal, isto é, nós não podemos, e temos que nos contentar com uma resenha política. Além disso às vezes fico confusa com o que se fala, tenho minhas dúvidas (como sempre) e não tenho o Simon para conversar e me explicar as coisas. Sério mesmo, aqui falou-se coisas do arco da velha que fizeram com o ministro de relações exteriores de *Eretz* na URSS. Também algumas confusões com a delegação israelí no festival. Gostaria de saber se você sabe alguma coisa sobre isso e como vai o Partido no Brasil, se é verdade que se cindiu mesmo.

Bem não tenho mesmo mais papel, paro por aqui. Um grande abraço e um beijo a cada um de vocês e a certeza de que, fora a grande saudade da casa, tudo vai bem, não poderia ser melhor.

Da filha irmã Bella.

A carta do Jacques vai separado.

Iassur 7/10/57

Querido Simon,

Não fique zangado comigo por ter demorado a te escrever. você me conhece, não é? O que estraga é que eu fico com tanta saudade de receber uma carta sua que o jeito é escrever mesmo. Mas Simon não espere nunca por cartas nossas para nos mandar outras pois a distância é muito grande, não sei se as cartas chegam sempre regularmente principalmente as nossas que não são registradas, ao que me consta. Nós também faremos o mesmo.

Quer dizer que o senhor agora ficou doido e deu para estudar, não é? ou a esta altura já não está com tão boas intenções? Simon. falando sério, escreva mais sobre...

....

(trecho perdido)

....

Depois que você pisa aqui seus problemas desaparecem, porque além de seu trabalho você não precisa pensar em mais nada para viver. Daí se conclui que há amplas possibilidades para uma vida cultural riquíssima. E isso é o que varia de Kibutz para Kibutz. Há os que são mais ou menos desenvolvidos nesse setor. Tudo depende do grupo. No nosso acontece o seguinte. Há indivíduos que estudam sozinhos, verdadeiras capacidades. Porém o interesse geral por uma conferência ou debate é menor do que se poderia supor. Acontece, porém, que a turma de brasileiros é de 60 aproximadamente, e isso poderá fazer com que este quadro mude completamente por sermos a turma mais jovem. Estes são alguns aspectos da nossa vida. O outro é o seguinte. Você não conta com as possibilidades de uma pessoa que vive na cidade. O kibutz não oferece tudo o que pode oferecer uma grande metrópole, não é a parte material a que me refiro. Para lhe ser franca eu me contento com uma vida assim, não só me contento como gosto de uma vida simples. Porém certos temperamentos se sentem, por essa razão, presos dentro do Kibutz. Não sei se me fiz entender se não, não tem importância fica para outra vez.

Iria terminar por aqui para deixar um espaço para o Bernardo escrever, mas ele disse que é muito pouco e que lhe mandará uma carta sozinho. Ele

também faz questão de se corresponder com você. Simon, o Jaques recebeu a minha carta ele vai responder?

Chegou agora uma carta sua. Não sei por que fiquei tão emocionada com ela. Sinto que você está diferente. Talvez mais maduro. Que pena estarmos longe agora. Você falou nas nossas conversas. Enquanto escrevia pensava nelas. Nunca pude calcular como precisava de você e as suas influências sobre mim. Você pode não acreditar, influência sim. Justamente pelo seu "materialismo" como você escreve e a sua posição confiante e “ingênua" diante das coisas, seus pontos de vista claros e precisos sempre faziam com que eu olhasse para você antes de fazer alguma coisa ou concluir alguma ideia ou tivesse vergonha de estar sendo tão correta como poderia ser. Agora neste curto espaço de tempo tenho a impressão de já ter vivido muito. E quando se convive com pessoas quase que 24 horas por dia pode-se conhecer de perto. Com isso eu quero te dizer que eu posso me orgulhar e confiar em você. Outra vez o problema de espaço. Recebemos dois aerogramas por semana, mas cartas só de vez em quando. Contarei mais quando escrever para o pessoal. Beijos da irmã, Bella.

Iassur 10/10/57

Queridos papai e mamãe,

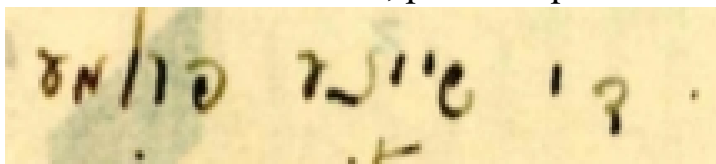
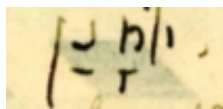
Recebi hoje as cartas de vocês, uma do Simon e um cartão postal de D. Suzana e de Isaias de Paris, muito amável. O retrato saiu ótimo, todo mundo aqui disse que tenho uma família de brotos. Está parecendo um quarteto do barulho. Todos queriam saber se o senhor e a senhora eram bonitos assim mesmo, e tão jovens quanto pareciam. Mamãe, a senhora emagreceu um pouco? Sabe, eu estou engordando aqui no Kibutz, preciso tomar cuidado! Bernardo também ainda não quis saber de emagrecer.

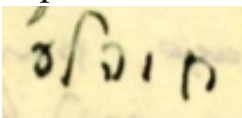
Minha querida mamãe, a senhora me escreve das nossas conversas quando eu contava tudo o que se passava comigo e ficávamos horas e horas assim como duas boas amigas que sempre fomos. Mãezinha, é claro que com mais um pouquinho de tempo, quanto tudo se normalizar aqui, escreverei mais regularmente contando tudo e perguntando ou pedindo conselhos sobre as coisas assim como se estivéssemos conversando mesmo.

Vocês me perguntam como me arranjei aqui. Olhe, dos baús, chegou tudo inteiro com exceção do quadro que o Bernardo comprou no Rio o qual quebrou o vidro. O nosso rádio aqui é que acabou de estragar este porque na hora de ligar por burrada não ligamos a tomada.

Vocês me pedem para escrever sobre mim e o Bernardo. Francamente não sei o que escrever. Não há nada de especial. nossa vida diária Kibutz é como a vida em qualquer outro lugar. Trabalha-se, a vida coletiva é uma grande coisa, porém fora isso cada um tem sua vida particular. Eu e Bernardo temos nos dado muito bem, é como se nós nos tivéssemos conhecido a vida toda. Estamos agora os dois sentados à mesa do nosso "*cheder*" escrevendo cartas, ele que está escrevendo para o Simon. O *cheder* tem uma cama, um armário, uma mesinha e dois banquinhos. Agora vamos colocar as cortinas e os enfeites e pouco a pouco ele vai tomando a cara da gente. Com o tempo o Kibutz dá mais móveis e "chedarim" melhores. Quem já é chaver do Kibutz de algum tempo já tem casas que fazem inveja a qualquer um na cidade, com móveis de estilo moderno, abajur de pé e tudo. Mas com toda a franqueza agora não sentimos falta dessas coisas. O nosso "cantinho" nos parece muito bom.

Vou contar isso agora algumas coisas sobre nossas viagens. estivemos em Sfat em Sukot a convite da prima da senhora, Miriam, que ia com as duas filhas passar as festas com o pai. A cidade é interessantíssima, parece que estacionou há muito tempo atrás pois lá quase não se vê o progresso. Aliás lá não vivem jovens. Todos saem para outras cidades. quem vive lá sim no verão são inúmeros pintores que com suas exposições dão um aspecto todo especial à cidade. Para a senhora tenho certeza interessantíssimo saber que vimos a casa onde viveu vovó, os pais do pai senhora e onde a senhora nasceu.

Aliás precisa escrever à vovó. Lá, pessoas que a conheciam se referiam a ela como

Também veio aqui no kibutz um irmão dela, ,, que foi muito amável conosco e nos convidou para visitá-lo em Haifa. Parece que são dois irmãos, um é funcionário do governo e outro tem um táxi (isso é ser é ser grande coisa no em Eretz). É muito bom ter parentes aqui pois se tem para onde ir quando se sai e nós saímos muito agora no princípio. Trabalha-se no Shabat, ajunta-se dias e depois vai-se passear.

Mamãe, é bom escrever para a parentada, são boa gente seria ótimo mesmo para vocês ter mais contato com eles. Todos se interessam muito pelo Brasil e querem saber o que se passa lá e os velhos nem querem acreditar que tem uma filha tão grande e casada.

Agora vem com a parte do papai. Não, antes um outro parente da senhora, um outro irmão de Berish que vive em Tel Aviv. Não sei se escrevi na outra carta que almocei na casa dele, uma casa muito moderna bacaníssima. Ele tem duas filhas muito bonitinhas.

Os parentes do senhor, papai, são muito gente boa. Aquele do kibutz Pelet, não sabia o que fazer conosco quando formos lá e já recebemos uma carta do outro que vive na Natanya convidando-nos a visitá-los o que faremos a

primeira oportunidade depois dizem que Natanya é um lugar lindo. Estivemos também na loja do terceiro irmão, mas só encontramos a senhora dele ela insistiu muito para que esperássemos, mas não pudemos porque já tínhamos comprado passagem para volta.

Querido paizinho, estamos com muitas saudades do senhor mas o senhor não precisa se preocupar em mandar nada pois nada nos falta. Fico muito satisfeita com as cartas que tanto o senhor quanto a mamãe nos mandam isso representa muito para mim.

já quase não tenho mais onde escrever. Para o Simon e Jacques mandarei cartas em separado.

Vou contar-lhes agora o nosso programa daqui por diante. Talvez este sábado vamos a Haifa que é aqui perto passar o dia lá. Depois na primeira oportunidade iremos a Jerusalém ver o resto da parentela e Natanya. No início de novembro iremos um seminário para estudos num outro Kibutz durante dez dias mais ou menos vou deixar um espaço para o Bernardo. Beijos da filha Bella

Bernardo: parece que não há muita mais coisa a escrever. Estes nossos primeiros passos na vida kibtusiana tem sido relativamente fáceis e pouco a pouco integramo-nos na realidade do país. Mas de forma alguma podemos nos esquecer do que de nosso e ficou no Brasil, para nós é sempre motivo de alegria receber cartas suas. Escrevam-nos muito. Felicidades.

Bernardo

Iassur 13/10/57

queridos papai e mamãe,

Tenho um bocado de novidades para contar a vocês. Não sei se lhes havia escrito que tinha recebido uma carta do primo de papai, Pelet, que vive num kibutz. Bem, naquela carta ele diz que quer me conhecer e pede o que eu lhe responda logo. Como é lógico passaram-se algumas semanas e eu não havia respondido ainda. Uma sexta-feira à tarde, quando menos esperava, apareceu ele com a senhora aqui. Eles são muito simpáticos, se interessam pelo senhor e pelo titio, quiseram ver retratos da família e a esposa dele então, falando português, estava tudo em casa. Eles são joviais, e aliás jovens mesmo - ela mais do que ele e se casaram há dois meses atrás. Mas a história é a seguinte: ele é chofer do kibutz (chofer do kibutz é boa profissão) e veio com um carro alinhadíssimo de um dos dirigentes do Mapai. Como era uma sexta-feira, convidou-nos para ir com ele à noite para Hanita (o kibutz deles) e passar o Sabbath lá. Saímos então e eles levaram antes a uma cidadezinha onde vivem judeus alemães tipo Petrópolis muito bonitinha, Natanya. Hanita é um Kibutz do Mapai situado em uma colina e é maravilhoso. Estivemos lá até domingo de manhã quando fomos para a Tel-Aviv.

A gentileza deles para conosco foi impressionante, vocês nem podem imaginar. Ele já está no kibutz há 18 anos possui um "c*heder*" que já é quase um apartamento, dois quartos, varanda, hall, banheiro e chuveiro. e os móveis muito modernos e bonitos. O local do kibutz é tão bom lá que existe até um hotel de veraneio no próprio kibutz.

Bem, em Tel-Aviv fomos logo procurar Miriam Sheinfeld que é a prima da senhora. Quando chegamos lá ela não estava, veio nos atender Liba, uma das filhas dela, a mais velha que já deve ter uns 25 anos. chegamos bem na hora do almoço eles não tiveram remédio se não nos oferecer também.

Depois ficamos conhecendo a Tzipora, outra filha de minha idade, que é uma menina linda. tanto ela tanto a mãe foram muito amáveis, porém um pouco frias como era de se esperar pela distância do parentesco E surpreendidas com a nossa chegada. Olhava-se uns para a cara dos outros sem saber bem em que terreno estavam pisando. Foi divertido. Mas saíram conosco, fizeram o possível para nos agradar. À noite houve uma festa na embaixada brasileira onde o kibutz Iassur tinha sido convidado a participar.

Encontramos com o pessoal do kibutz á, e conforme tínhamos eles trouxeram o meu vestido caipira e eu declamei. Sabem o que? "O festão lá do arraiá". Só podia ser né?

Mas eu não contei nada sobre Tel-Aviv. Bem não há muito o que contar, é uma cidade como outra qualquer do mundo, nem muito feia nem bonita. Mas para os israelenses que viam tudo crescer com esforço representa muito.

Mamãe fui também como a senhora pediu procurar o tio da senhora, Radzyner. Quem nos levou lá foi a Miriam Sheinfeld. mas ele não estava, foi uma pena. A mulher dele nos recebeu muitíssimo bem e se tivermos oportunidade da próxima vez iremos lá. Em Tel-Aviv fomos ainda procurar um outro primo do papai, Sani, mas não encontramos, só a mulher estava em casa. depois fomos ao kibutz Negba onde Bernardo tem uma prima. Os brasileiros fizeram uma farrona lá conosco. estive com a Sônia Chernizon e parece que era boato que eles iriam voltar para o Brasil.

Sei que esta carta está corrida, ia rasgar e mandar outra mais completa, porém, para que vocês não fiquem muito sem notícias, faço o seguinte. Mando essa e outra logo em seguida, pois tenho ainda muito o que contar. Tiramos também muitos retratos com a parentada. Vou mandar assim que foram revelados e receber envelope para cartas em vez de aerograma. Estou com muita saudade de vocês e ansiosa por receber cartas e retratos. Está tudo tão bem se não fosse essa distância... o papai e a mamãe fazem muita falta. beijos e abraços no Jaques e Simon. um beijo para o senhor e outro para a senhora. Bernardo manda muitas lembranças qualquer dia ele escreve.

um beijo Bela

Iassur 25/10/57

queridos papai mamãe Simon e Jacques,

Pelo que vejo, todo mundo reclama das minhas cartas. Meus queridos, sei que vocês estão com toda razão, mas as vezes eu escrevo e esqueço o principal que é contar coisas que vocês estão interessados em saber. hoje vou tentar descrever o kibutz e contar tudo desde o início.

Com as coisas que trouxemos foi o seguinte, tudo ficou conosco com exceção do excedente, o que comigo foi quase nada, pois a lista que recebemos do que é necessário para ficar com a gente é enorme. Basta dizer que nela há 17 blusas. Pois bem, recebemos essa lista e por ela tiramos nós próprios a roupa que queríamos. Sapatos fica-se com todos, bem como cobertores e edredons. A verdade é que praticamente fica-se com toda a roupa. Só lençóis, fronhas e toalhas de banho é que se fica com poucas. Exatamente o que eu trouxe. Bem que a senhora falou, mamãe. E teve gente que essas coisas trouxe aos montes. para mim faltou sim uma colcha bonita que eu facilmente poderia ter trazido, mas parece que vou ganhar do kibutz.

O kibutz tem 130 *chaverim* e 90 crianças (e por falar nelas, para as crianças isso aqui é um paraíso). Trabalha-se no campo com algodão (não dá lucro, mas é exigência do governo em troca de outros benefícios), uvas e bananas e algumas outras frutas. Também com peixes, que dá muito dinheiro, ovelhas, galinhas e vacas. A água é encanada, Simon, e se toma banho de chuveiro (morno) e não estamos no deserto. Só que a terra de Eretz em geral não é tão fácil de se cultivar como no Brasil. Se se pudesse exportar as pedras que tem o solo Israel seria um país milionário.

Quanto ao que o Bernardo faz, eu ainda não havia escrito porque ele faz de tudo. Ainda não se fixou, bem como a maioria do pessoal novo. Eu ainda continuo na cozinha, fiquei com um cartaz tão grande que outro dia trabalhei duas horas menos. Assim à toa. O encarregado do serviço e me disse que eu trabalhando 6 horas valho tanto como outro trabalhando as 8. Mas isto é segredo. E a senhora, mamãe, que achava que eu não saberia trabalhar. Que tal? O grande caso, porém, é que o trabalho das moças não é pesado.

Jacques, recebi sua carta do dia 7 de outubro e vou responder também a você depois separadamente. Fiquei muito alegre por receber o envelope e

papel, só que o problema aqui não é esse. São os selos. Mas essa semana parece que poderemos mandar cartas e, pessoal, mandarei retratos também.

Sabe mamãe, hoje eu escrevi uma carta para Vovó. quando é que ela vai para Belo Horizonte? Para o Berish também vou tentar escrever assim como para titia e titio e ainda montão de gente.

O que se passa aí na terrinha? Simon, não se esqueça nunca de me informar sobre os namoros e casamentos.

Papai como vão a Vovó e a Chanda? e o senhor muito trabalho, vocês ainda pensam em mudar?

Vocês reclamam de mim, que eu não escrevo nada, mas em compensação também eu aqui fico sem saber o que se passa em casa. Tudo que me escrevem parece pouco. Gostaria de saber que o que se passa aí a todo o instante e a cada minuto. É por isso que compreendo como se sentem em relação a mim.

Mamãe, a senhora me perguntou se havia aquela Miriam... Ela está agora aqui conosco. disse que ainda não sabe se fica ou volta, mas os pais pensam que ela veio somente em viagem de estudos.

Simon, recebeu a carta do Bernardo? Com ela você poderá também formar alguma ideia sobre Israel e o kibutz. Quanto à comemoração do décimo aniversário de Israel, parece que há facilitação em viagem para cá, mas eu ainda não havia escrito isso antes porque não pude me informar direito. Talvez por lá se saiba também alguma coisa. Mas vou ver melhor isso, seria um sonho se a senhora pudesse vir, mamãe.

Beijos à senhora, ao papai, Simon e Jacques da

Bella

Iassur 14/10/57 (de Bernardo)

Caro Simão

Antes de mais nada quero me desculpar por não ter escrito antes, mas como queria ter uma noção algo real e o país e da vida daqui preferi guardar um pouco e agora inicia a correspondência. quero também notificar-lhe que não tenciono fazer polêmicas através de cartas e sim transmitir-lhe o que possa o que passa aqui e a nossa posição.

Para que lhe possa falar sobre o kibutz faz-se necessário que se conheça algo sobre a situação do país. Desde o primeiro momento sente-se *o kibutz ge'onim* (concentração das diásporas.) A diversidade de tipos e mesmo da língua reflete a realidade da formação sociológica do país, e cada agrupamento tem sua história. Uns passaram por guerra, outro sofreram pelo antissemitismo e assim por diante. Atualmente sente-se a grande influência dos judeus russos, húngaros e poloneses que após os "affairs" que houve nesses países vieram em massa para Israel. Médicos, ex-funcionários, de tudo, menos operários. Tanto é que poucos se estabeleceram em kibutzim. De qualquer forma o país sentiu pela primeira vez a *aliah* em massa dos países socialistas; e podes imaginar que estes elementos não primam pelo amor à URSS e ao mundo da Revolução. Todos sem exceção queixam-se da perseguição assim antissemitas nos mais diversos graus e formas. Realmente <u>a tendência antissoviética</u>, motivada pelo conhecimento dos fatos relatados por estes *olim,* e principalmente pela política russa no Oriente médio, tem grande força no seio do povo. O fato mais sentido, o aspecto dos mais importantes no país é indubitavelmente a defesa. Acho que no Brasil não se pode imaginar o que significa para Israel a defesa. Se sente em cada um, em cada família, em cada casa, em cada kibutz. A defesa entra na vida cotidiana como algo próximo e palpável. É interessante ver kibutzim que têm trincheiras, bunkers, guarda noturna armada de fuzis e, no entanto, trabalha, cria e produz; esse é o espírito geral.

Dizer que existe um espírito militarista, chauvinista, é ver somente meia verdade. O povo, que de forma alguma tem pretensões expansionistas, sente que o seu território, <u>sua casa, seus filhos</u> estão ameaçados diariamente e por isso tem então em alta conta o exército, orgulha-se dele e além disso se dá valor a tudo que é do país. Qualquer pessoa, ao referir-se a algum lugar,

alguma coisa, sempre diz nós, “nós construímos”, “nós produzimos”. Cada um se tem como verdadeiro dono do país. Isto é o chauvinismo e o militarismo israelí. Mas uma coisa é verdade, o árabe é considerado como a pior coisa existente. Não preciso escrever as causas desse sentimento, causas estas que são periodicamente renovadas. São enormes as dificuldades que o Mapam tem no seio do povo, para poder prosseguir com sua ação árabe. O boicote, a restrição são comuns em relação aos árabes residentes no país. O Mapam é o único movimento sionista que realiza um trabalho global e de aproximação e convívio entre os povos. Vivem muitos árabes em Israel. E a maioria em aldeias suas. E neste “”melting pot” de fatos, povos, tipos, políticas, existe Israel. O que eu conheço dele é muito pouco e não é rapidamente que se consegue conhecê-lo; portanto, vai-se indo aos poucos. Logicamente que o desconhecimento da língua dificulta imenso o processo.

Bem, agora um pouco sobre o kibutz.

O que Kibutz Iassur existe há nove anos. Formado por grupo de húngaros, ingleses e agora brasileiros. A maioria deles são indivíduos que vieram e tomaram parte nos grandes fatos históricos ocorridos aos judeus nestes últimos anos. Os húngaros estiveram em campos de concentração, na guerra. Foram *partizanos* contra os nazistas, vieram para Israel, alguns estiveram em campos de concentração ingleses em Chipre, e a maioria tomou parte na guerra de libertação de 1948. Os ingleses, que na verdade chegaram como crianças para a Inglaterra fugindo de seu país de origem, a Áustria. Com a subida de Hitler, lutaram no exército inglês na guerra mundial. Existe um cujo avião de bombardeio do qual foi tripulante caiu e ele sobrou. Outro foi ferido na Itália, e assim por diante. Após a guerra entraram para o Hashomer Hatzair e após a *Harshará* vieram para cá. Como vê, são verdadeiros livros de Borochov ambulantes. E isto tudo levando em conta que a idade média entre eles é de 28 anos.

Simão, percebi agora que o papel está terminando. Na próxima carta (muito breve) escreverei sobre o nosso kibutz - o nosso e o movimento kibutziano em geral e sobre a nova plataforma do Mapam que está em discussão nos kibutzim, tendo em vista seu congresso em novembro.

Desejaríamos muito receber jornais e revistas do Brasil. A “Revista Brasiliense” é muito boa e se você conseguir enviar, seria ótimo. Se for

possível, envie alguns números de” Para Todos” e publicações do C.E.C. Espero que não seja pedir muito (se for, continuo pedindo de qualquer forma). Bem, por hoje é só. Responda logo, sem mais, do *chaver*

Dov

Bernardo

Gaash, 8/11/57.

Meus queridos papai e mamãe, Simon e Jacques

Estou agora no meio de uma reunião com o Marcos Blanche. Vocês se lembram dele de Belo Horizonte?

Acontece que estamos já no seminário. Trabalhamos pela manhã e estudamos à tarde e à noite. Este estudo consiste em reuniões de palestras com os caras "chefões" do kibutz. O Blanche é contador daqui. É neste kibutz que está Rina também. Hoje a vi na hora do jantar. Mas ainda não falei com ela. Acho que, a essa altura, ela nem me conhece mais. Por falar nisso, a Carmela teve um menino e eu ainda nem fui vê-la. É uma vergonha, mesmo.

Não estou escrevendo para vocês uma carta. Agora, não me daria tempo mesmo de contar coisas detalhadamente. Pois o programa nosso de atividades é muito apertado. Só quero mandar notícias por enquanto, porque fiz uma burrada tremenda. Tinha escrito uma carta para vocês, grande, em resposta àquela que recebi, na qual mandei até também retratos novos nossos. Mas na hora de sair, com a confusão de levar a bagagem e sair correndo, esqueci-me de levá-la, bem como uma outra carta que escrevi para a Berta, ao refeitório, de onde sai a correspondência. Só faltei me comer viva durante a viagem toda. Mas não há de ser nada.

O que é de novo por aqui? Gostei muito das cartas que você nos mandaram, foram muito boas, bem como a da Vovó. Aliás, já tinha escrito a ela. Responder a todas as perguntas, já respondi daquela carta que não mandei. Só falta cartas separadas para o Simon e Jaques. Bernardo também vai te responder logo, viu Simon? Foram ótimas as notícias que você nos mandaram do Brasil. Sobre a legalidade do partido, por exemplo. Se não fôssemos nós aqui, ninguém saberia.

Quando tiver terminado o seminário e eu puder olhar para trás poderei ter realmente uma ideia do que ele foi. Aí então posso escrever sobre o que se falou, dos problemas que foram levantados. Ao que parece, não são poucos em relação à economia do kibutz.

Jacques, não espere sempre cartas minhas em separado para me responder. Estou escrevendo para vocês todos e tudo que conto é de seu interesse

também. Simon, procura me compreender as vezes que não escrevo logo também, sim?

Meus queridos pais, as saudades de vocês são muitíssimas. Fiquei satisfeitíssima com o que mamãe escreveu sobre vir passear aqui. Quanto à nossa vida em geral, aqui tudo tem corrido muitíssimo bem. Tanto a nossa vida pessoal como a situação geral do país, que está calma.

Vocês, por favor, não reclamem que aqui não contei nada, esperem a outra, tá? Da filha e irmã atarefada e um pouco ingrata, mas que muito os quer.

Beijos e abraços apertados a cada um.

Bella.

Iassur 20/11/57.

Querido Simon

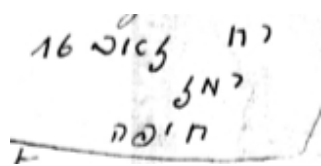
Para começar, faz-se um esclarecimento necessário. Aqui perto não tem farmácia. Dito isso, posso continuar.

Chegaram as revistas que você nos mandou. Mas ainda nem tivemos tempo de lê-las. Foi ótimo mesmo que você tenha escolhido esse tipo de revista, bimensal. Mas se for possível, tem outra coisa que eu gostaria de receber," Para Todos". Você pode de vez em quando a juntar alguns números e enviar por navio. Tuas cartas continuam a ser de "arromba". Francamente, não é para me gabar, mas você tem sido um irmão e tanto. Só uma coisa, você em duas cartas já não escreve sobre a situação política do Brasil. Isso é preciso providenciar logo. O que se pode fazer? O público exige! com certeza a esta altura você já está bem no meio das provas, não? E como vai o Marconi?

Simon, gostaria de contar com você alguma coisa do seminário que tivemos. Não bem que foi o seminário, mas as discussões que travaram, discussões que podem explicar muito do que se passa por aqui e com o nosso grupo recém-chegado em confronto com uma realidade um pouco diversa da que se esperava. O fato é que o que você escreveu sobre os juros que o kibutz paga, é verdade e há mais uma agravante. Encontramos aqui trabalho árabe assalariado. Hesitei bastante antes de escrever isso a você. Dito assim cruamente este fato choca enormemente, foi o que aconteceu quando aqui chegamos. Há mil formas, entretanto, pelas quais se pode compreender (não justificar, em nenhuma ocasião ouvimos de algum membro do Mapam justificativa para o trabalho assalariado) que os kibutzim tenham chegado a isso por necessidade vital do momento. Cabe, então a pergunta. Isto é um erro, uma falha ou o Kibutz precisa em um determinado momento de trabalho assalariado para subsistir? Porque uma coisa parece ser verdade. Com algumas exceções em etapas de sua vida todo kibutz emprega ou empregou trabalhadores assalariados.

Simon, talvez eu não devesse mesmo ter jogado isso assim alto em uma carta para você. Não se pode pegar um fato isolado como este para julgar as coisas. É preciso ver a realidade do país também. É necessário um estudo sério da economia do kibutz para saber se ele pode ou não subsistir na forma mais ou menos independente. O que eu quis dizer com a realidade do país é

que dentro dessa realidade, apesar de tudo, tem que se reconhecer a função importante do kibutz influindo na mentalidade do judeu, trazendo-o para o campo e modificando com isso o panorama geral.

Bem, chega, não se impressione muito. Bernardo vai também depois escrever mais detalhadamente sobre isso. Vou te contar agora como foi hoje o meu dia no kibutz. É sábado, mas pedi para trabalhar. Acordei às 8:00, 8:30 tomei o café. E as 8:45 comecei a trabalhar (na cozinha mesmo). O trabalho é este de servir mesa neste horário até o almoço, portanto leve. Vim então para o quarto. Poderia dormir se quisesse. Mas preferi escrever para você. Tomarei agora banho e às 4:30 começo a trabalhar outra vez até às 8 :30. Também servir mesas ou lavar louça. Isso é considerado um trabalho bom.

Simon, um grande abraço para você. Se por causa das provas não puder escrever cartas grandes, escreva assim mesmo qualquer cartinha. Da irmã, Bella.

Iassur 23/11/57

Querido, pessoal. Agora já estamos de volta no seminário, o qual esteve ótimo. Queríamos ter ido a Natanya também, que é perto de Gaash. Mas não deu jeito. Estivemos sim, em Haifa, em casa dos nossos parentes. Yochanan Schapira, o irmão da vovó. Vocês nem podem imaginar como eles são para nós. Quando vamos lá sentimo-nos como se estivéssemos em casa mesmo, isso aqui é muito importante porque a gente precisa mesmo de alguém

Creio que já lhes escrevi pedindo retratos para eles, não? Seria muito bom se vocês pudessem escrever também uma cartinha. O endereço é o seguinte.

Estava neste pedaço da carta quando recebi a carta do Simon e os retratos de vocês. Já lhes descrevi sobre isso da carta que mandei com um cara que vai em *Shilihut* (missão) para o Brasil. Nessa carta mandei também alguns retratos nossos.

Mas os retratos aqui abafaram. Só se fala aqui na elegância da mãe de Bella. O pai está parecendo (por causa da pança) um capitalista (isso digo eu). E o Jaques está esticando mais do que vara de bambu. Você quer mesmo pegar logo o Simon, não? Quanto ao Simon, que aqui já é famoso por causa de outras cartas cujo noticiário é transmitido pontualmente à turma. Até já se pergunta a mim ,sempre, quais são as novidades do Brasil e se reclama quando não há uma carta dele. Bem, só disseram mesmo bem da companhia com a qual está no retrato, Simon. Mas qualquer coisa se console com a sua irmã. Todos te acham parecidíssimo comigo. Essa agora!

Tenho mais algumas coisas a contar. Com o dinheiro que você nos mandaram, ficou resolvido o seguinte. Comprarei tudo o que falta para mim e para o meu quarto. Com certeza. estranharão que eu tenha pensado tanto e feito tanta onda para resolver isso. Mas acontece que comprar objetos com dinheiro que se recebe dos pais não é coisa muito comum. E isso, penso eu, é bem certo. Primeiro, porque nem todos tem quem mande as coisas, e aí, onde estaria a igualdade? Segundo, quem vive em um kibutz deve basear seu

padrão de vida nas coisas que o que o kibutz pode dar, e, se falta algo, é aqui que se deve buscar a solução. Receber coisas de fora poderia também não ter limites. e aí é que é o está o problema. Mas eu apresentei para a turma (os brasileiros) o seguinte. Que eu não estaria disposta a entregar o dinheiro ao kibutz, porque ele não foi destinado a este fim por quem o enviou. Vocês não são sionistas, nem estão tão bem de finanças para não se preocupar em que investem o seu dinheiro. Guardaria uma quantia para quando a senhora viesse nos visitar.

Mas isso não é o importante. O fato é que agora vou comprar o que preciso, porque resolveram que, pelas condições de que fiz meu enxoval, sou um caso especial. Melhor...

Estou novamente olhando os retratos de vocês. De quem é a máquina? O que é que a família foi fazer no parque? Papai engordou um pouco. E o Jaques? Parece que emagreceu. Mamãe e Simon iguais. Ah, é tão bom receber aqui as fotos de vocês!

Mamãe, a senhora tem empregada? Ela é boa? E na sociedade, na União, tem feito alguma coisa, teatro? Ou nada, nada?

Me disseram aqui que a época mais bonita para visitar o país é Pessach, que tal? Quais são os planos de vocês aí?

Aqui as coisas vão indo muito bem, mas por enquanto ainda não pegamos o ritmo mesmo do kibutz. Cada dia há para nós uma novidade e saímos muito para passear. Portanto, não se pode ter uma ideia do que é o cotidiano para quem já tem sua vida organizada aqui.

Um beijo, um abraço apertado a cada um de você, lembrança do Bernardo e Bella.

Iassur, 26/12/57.

Querida mamãezinha.

Recebemos ontem a cartinha da senhora e a do Simon, quando chegamos de Gat, kibutz onde estão Carmela, Lansky, Kendler, Saroba, Arnaldo e Benito.

Eu e Bernardo fomos lá passear porque eu queria muito ver a Carmela. Ela já está com um pimpolho de quase dois meses, muito engraçadinho. Rina também teve uma criança por esses dias, foi a Carmela que me disse. Ela está a mesma coisa, só que um pouco mais gorda. Se bem que gorda mesmo estou eu. Vocês vão ver pelos retratos que pretendemos tirar e mandar para vocês aí.

Estiveram aqui a filha daquela senhora parenta dos Purish que mora em Sabará e o marido. Sim, aquela boboca mesmo, irmã da Reveca que se casou aqui com canastrão maior ainda, um argentino daqueles. Bem, o caso é que eles vão voltar para o Brasil de passagem para Argentina, onde vão morar, e se eles não nos derem o bolo e passarem por aqui antes de ir queremos ver se enviamos bastantes retratos atuais e mandamos para vocês.

Não há nenhuma novidade especial, a não ser que o meu marido já fez 23 anos (velho, não?) no dia 19. Além da comemoração nossa que fizemos aqui entre nós veio também um irmão da vovó com a família. Nos trouxe vinho, doces e duas almofadas de colocar na cama que aqui se usa muito. Ele é com quem nos damos mais porque ele é mais expansivo. Deve ter uns 30 e poucos anos, é casado e tem um filho de 8. O outro que trabalha no governo é um pouco mais velho, casado e também com um filho grande.

Eu já tinha escrito sobre eles para a vovó, e no dia mesmo do aniversário de Bernardo, chegou uma carta e retratos dela para eles. Vocês não podem calcular como ficaram contentes.

Mamãezinha, a senhora, não precisa se preocupar com a sua filha, porque ela agora já está aprendendo a se mexer sozinha. Só as saudades é que são muitas. Não tem mesmo possibilidade da senhora vir em maio? Dizem que vai ser lindo aqui. Tanto as comemorações quanto a época do ano. A parentada toda já foi informada que a senhora vem. Agora está frio, mas não muito. Como em Belo Horizonte faz as vezes.

Vocês gostaram dos retratos? Não saímos muito bem. Aqui não se corta cabelo sozinha. Se vai a Haifa ou outro lugar qualquer e se corta e depois se pede dinheiro ao kibutz. A mamãe tem que saber de tudo mesmo, não? Mas eu gosto que a senhora me pergunte coisas assim.

Um beijo ao pai, diga a ele para me inscrever logo. Achamos ótima ideia da senhora de nos mandar cruzeiros. Já comprei tudo o que preciso, meu *cheder* está um amor.

Muitos beijos, minha querida mamãe e lembranças

Bella e Bernardo.

Haifa 21/11/57.

Querido, pessoal.,

Estamos chegando agora de Haifa onde fomos passear eu e Bernardo. Encontramos aqui um *chaver* que vai ao Brasil em *shilihut.* Vou aproveitar e mandar lhes alguns negativos de retratos nossos. Acontece que ele só vai ficar aqui meia hora, e eu estou escrevendo na cara dele enquanto ele faz uma pequena palestra.

Por isso não reparem, isso não é uma carta. O que eu estou é apenas aproveitando para mandar os negativos dos retratos que tiramos no passeio e alguns daqui que não são, entretanto, muito atuais.

Me deram agora uma carta do Simon com retratos. Os retratos correram por todo o pessoal e os comentários mais insistentes foram de que minha mãe é um broto e o Simon com a Evinha não está nada mal. A carta ainda não li, não deu tempo. Nem os retratos eu própria olhei direito. Não dá mesmo tempo para escrever mais. Vou apenas descrever os que são os retratos. Duas fotos de barco foram tiradas em Capri. Uma que tem um guarda foi tirada em Roma, na basílica de São Pedro. O que estou de mão dada com o Bernardo, entre as ruínas de Pompeia.

Muitos e muitos beijos a todos vocês e saudade de

Bernardo e Bella.

1/1/1958

Aos nossos queridos pais e irmãos juntamente com os nossos votos de felicidades à mamãe pelo seu aniversário.

Bernardo e Bella

Iassur, 2/01/58

Querido Jaques,

Fiquei surpresa com o que o Simon me escreveu sobre você ter passado apertado nas provas. Você não é mais o mesmo do professor Tasso ou o Estadual é que é muito apertado? Em que é que você mais se estrepa? E o que é que você gosta mais?

Mas enfim, que você passou é que é bom. O Simon também andou fazendo milagres, não?

Jacques, eu gostaria tanto de receber uma carta sua que você nem imagina. Vê se me conta o que se passa por aí e tudo o que você anda fazendo. Não tenho nenhuma novidade para te contar agora. Você com certeza lê minhas cartas, está tudo no mesmo. Só que de vez em quando ainda encontro uns bilhetes seus por aí. E o "coruja" disse que se te pegar, você vai ver.

Vi pelos retratos que você está mais alto que a mamãe. Ela agora é a caçulinha?

Como foi aí o réveillon? Aqui se fez uma boa farrinha, dançou-se etc.

Você tem ou teve notícia da Ana Maria? Vocês se correspondem?

Lembro-me que você tiver perguntado sobre os meninos da sua idade. O que fazem eles aqui, não? Acontece que o kibutz é muito jovem. Tem só 9 anos e as crianças ainda não tem essa idade. Mas quando, em outros kibutzim há garotos como você, eles vão para o *Mosrad* (?)espécie de ginásio dentro do próprio kibutz, geralmente, mas completamente independente deste. Há no *Mosrad* professores especializados para cada matéria. E fora isso (fora a parte de instrução) uma encarregada ou encarregados da parte de educação, higiene, arrumação etc. Não sei se você sabe, mas as crianças no kibutz não ficam o tempo todo com os pais. Elas dormem, comem, estudam e brincam juntas. O tempo em que estão com os pais é uma hora em que tanto estes como aqueles tem o seu tempo inteiramente dedicado uns aos outros. Nessas horas os pais não trabalham, já tomavam banho, se arrumaram, fizeram tudo o que tinham que fazer e as crianças já estudaram e brincaram, comeram, brigaram umas com as outras etc.

Como você vê, é um pouquinho diferente daí, não? Mas é quase a mesma coisa, porque aqui todo mundo vive praticamente junto.

Jaquinho, por que é que o papai não me escreve? Como estão a vovó e a Chanda? E o titio, Sarinha e os meninos? Rachel teve uma menina, não?

Bernardo está mandando um grande abraço para você. Beijo na mamãe, papai e Simon.

Para você, um forte abraço e um beijo da irmã Bella.

9/01/58 (de Bernardo)

Caro Simon,

Antes tudo, desejo enviar para toda a família um cordial "Ano-Novo". Que este 1958 seja repleto daquilo que cada um de nós realmente deseja. Especialmente a seus pais, transmita uma calorosa saudação de nós, que apesar de longe, não os esquecemos.

Bem, Simon, recebemos sua carta hoje e muito me diverte ler as notícias sobre as "graves lutas partidárias" em sua cidade. Realmente é algo que atesta alto nível de "politização". Quanto a Bahiano mais ou menos já sabíamos, exceto a questão da bolsa de estudo.

Imagino que lhe interessa mais saber o que vai por aqui do que comentários sobre o que vai por lá. Realmente, o interrompi a iniciada troca de informações, mas como a questão de fim e começo é um conceito muito relativo, continuo, como se nada tivesse ocorrido, de onde eu havia parado. E envio-lhe a primeira parte das Teses de Jaari, dedicada às questões internacionais do ponto de vista político, ideológico. A questão árabe é considerada a parte interna, isto é, segundo capítulo. Naturalmente a publicação seguiu de navio. Imagino que dentro de 2 ou 3 semanas, você receberá.

Entrando mais profundamente nos assuntos quero inicialmente relatar o que foi de fato a crise ministerial em Israel. (fazendo uma vista geral na carta, reparo que ela está meio borrada, mas vai assim mesmo). Como você deve saber, o governo israelí é constituído por Mapam, Mapai, Ahdut Avodá e mais dois partidos com menos importância. Há cerca de três meses soube-se que o secretário geral do partido Mapai havia ido em missão do partido até Bonn. Naturalmente, sendo missão partidária, não havia nada que discutir no âmbito do governo. Após a volta do secretário, Ben Gurion apresenta numa das reuniões do governo, como notícia, sem estar na ordem do dia, que

proximamente uma alta patente do exército, provavelmente o chefe do estado maior, iria à Alemanha a fim de ultimar a compra de "certas armas vitais" para a defesa de Israel. Essa visita havia sido preparada pelo secretário do Mapai. Barzilai, ministro do Mapam (já foi embaixador na Polônia) pede maiores esclarecimentos. Mas como não estava na ordem no dia, e não encontrando eco por parte dos demais membros, a questão não foi discutida. Na reunião seguinte Barzilai exige que Ben Gurion esclareça acerca da "shilichut" para a Alemanha. Este responde que o chefe do estado maior já estava de malas prontas a fim de viajar para a Alemanha para principalmente comprar submarinos. Barzilai demonstra, então, a falsidade da explicação, pois a) nenhum país da Nato sem autorização dos Estados Unidos, pode vender armas a outro, e os Estados Unidos não permite a venda de submarinos para Israel; b) todos os antecedentes provam que a shilihut teve um caráter mais político do que militar; c) nunca até agora viaja uma alta patente para comprar armas. Em geral, são simplesmente comerciantes que trabalham para o governo. Em seguida, Barzilai prova que esta shilichut tem 2 objetivos: a) a conseguir armas atômicas da Alemanha baseado nos estatutos da Nato, pelo qual cada país membro tem o direito de vender a quem acha de direito, o melhor, que julgar bom para sua defesa, armas atômicas. b) conseguir, através da Alemanha, tornar-se ou membro ou "protegido" da Nato.

As respostas de Ben Gurion não conseguiram refutar a acusação, esta acrescida pela de ditador dentro de um regime democrático! O Mapam ameaça retirar-se do governo, pois uma das cláusulas da coalizão é de que o Mapam tomava as si o direito de retirar-se da coalizão se o partido dominante forçasse e a entrada na Nato. Faz-se a votação e a posição de Ben Gurion foi vencedora por 7 a 6,. Não sendo uma maioria suficiente, o assunto ficou de voltar a ser discutido.

Bem, Simon, emendo imediatamente com outra. Espero que cheguem juntas.

Bernardo.

II

(continuação)

Ben Gurion somente pede que seja guardado sigilo até a solução final, pelo que considera ser segredo de estado. No dia seguinte, o jornal do Ahdut

Avodá, visando efeitos puramente propagandísticos, pública todo o assunto, o que leva Ben Gurion a declarar o governo em crise, exigindo a renúncia dos ministros do partido citado. Atualmente, a crise foi superada, permanecendo os mesmos partidos no governo, tendo sido afastada a eventualidade da entrada na Nato e contatos políticos com a Alemanha. Continua a cláusula de que Mapam, e que agora Ahdut Avodá, , retirar-se-ão se isto acontecer no atual governo, isto é, se Ben Gurion de novo tentar e dessa vez conseguir o intento.

Estes foram os fatos. Mas o que existe por trás? O que levou a este desenrolar? O apego que Israel tem para com a Alemanha tem suas razões. Realmente é o único país, ou potência, melhor dito, que até hoje manteve-se em ordem com Israel, tendo em vista a questão das reparações. Atualmente é um fato de que talvez 30/ 40 por cento da vida econômica do país surge através de reparações. A constante queda da França como potência econômica e militar fez com que a camarilha de Ben Gurion voltasse os olhos para um maior aprofundamento das relações com a Alemanha, inclusive tendo em vista a entrada na Nato. Naturalmente, isso foi feito de forma secreta, e extraoficial, até que estourou a bomba que lhe falei. A posição do Mapam é perfeitamente clara neste assunto: armas (com exceção de atômica), de quem quiser vender, nenhum pacto ou concessão, Integração paulatina ao mundo afro–asiático (você verá esses pontos mais profundamente quando receber as teses) em uma política de neutralista.

Porém, a crise do governo demonstra outro tipo de problema, e este de ordem interna. Os três partidos operários que formam o governo tem no parlamento uma maioria de somente 6%. O partido da burguesia e o Herut (fascista) estão quase que alcançando-os. Uma vez lhe escrevi sobre os efeitos que a política da URSS e dos Estados Unidos produzem sobre povo. Realmente, em caso de nova eleição, agora, a supremacia operária seria muito duvidosa. Nos últimos tempos, os dois partidos que citei acima, principalmente o segundo. ampliaram se muito. Existem em Israel a Histradut, existem os kibutzim, existe o que se chama “Kita Aliáh” (absorção dos imigrantes) e mais uma série de elementos os quais, como conquistas obreiras, progressistas, no sentido social, indubitavelmente sofreriam golpes fatais no caso de mudança de partido do governo.

O próprio Ben Gurion, que representa a direita dentre os partidos operários, sabe disso. E sabe que o seu partido seria também atingido profundamente. Foi por isso que ele também fez tudo para conservar a atual coalizão, procurando subterfúgios para conseguir o que deseja. Nada expressa melhor essa situação como a volta do situacionismo anterior, com cláusulas que atingem frontalmente as intenções pró-ocidentais de Ben Gurion. Mas não podemos negar que o Mapai atualmente é poderoso. O que faz com que tenhamos realmente uma luta por dois lados.

Bem, encerrou-se há 2 dias a *Veidá* do Mapam. Apesar de não entender muito bem a língua, assisti a duas sessões, mas já tivemos relatórios pormenorizados. Escrevo-lhe em breve sobre ela. As teses, como escrevi antes, seguiram.

Bem, termino terminou agora, lembranças a todos. Se puder, envia algumas revistas e jornais. "*Dishat Shalom"* a seus pais.

Tchau, Bernardo.

Tel-Aviv 15/1/1968

Caros pais,

Estamos passeando em Tel-Aviv e resolvemos mandar-lhes esta lembrança; estamos muito bem de saúde e, naturalmente, as saudades são grandes. Conosco nada de novo: trabalha-se normalmente (eu agora sou pastor de ovelhas). O inverno atenua bastante. O nosso problema continua ser o da língua, que, pouco a pouco, vamos vencendo.

Bem, aguardamos cartas, e enviamos-lhes as nossas saudações.

Bernardo.

Censurado e aprovado: Bella.

Estamos bem de saude e, naturalmente, as saudades são grandes. Não há nada de bovo: trabalhando normalmente, hoje somos afetados pela saudade. Nosso problema continua sendo a falta de tempo, pois aos poucos vamos vencendo. Aguardamos cartas e enivamos nossas saudações.

Kibutz Iassur 17/01/1958.

Queridos papai e mamãe, Simon e Jaques. Recebemos as cartas de vocês no dia 14. No dia seguinte, viajamos para perto de Tel Aviv, Ramat-Gan. Lá mora um parente nosso, o Leão Shahar, primo do papai. Bernardo quis ir por causa de um jogo de futebol a que muita gente daqui foi também. Assim, fomos passear um pouco e fizemos uma boa farrinha. Passamos. Uma noite na casa deste Leibl. Ele e a esposa são muito bons. Fizeram uma questão danada para que dormíssemos lá, nos deram a cama deles, e no dia seguinte ficamos pensando, onde é que eles podiam ter dormido. Como não vimos outro quarto além do da filhinha nesse quarto uma cama dela e outra pequena, concluímos que os dois passaram a noite em uma cama estreita de casal. Eles parecem não estar muito bem de vida.

Depois disso resolvemos ir para a Tel-Aviv. 20 minutos dali. Lá fomos visitar o Chaim Heller e acabamos passando um dia lá e dormindo na casa dele. Nesse dia, fomos ao cinema de manhã, de tarde e de noite. De manhã vimos uma bomba francesa, nem me lembro o nome. De tarde às Feiticeiras de Salém, muito bom, e de noite., "Um rei em Nova Iorque", de Chaplin também bom, mas na minha opinião não tão bom quanto os outros filmes dele.

Bem, assim escrevi um pouco sobre a família, como o senhor pediu, papai. Íamos também ver o outro primo do senhor em Natania, mas não deu tempo. Afinal é preciso trabalhar um pouco também.

A senhora me pergunta como fazemos bolo no quarto. É simples, com uma forma furada no meio e uma "ptilia", fogareiro a gasolina que serve no frio também para esquentar o quarto. Mas até que ele, o frio, não tem incomodado muito agora. O quarto é até perto do refeitório, mas às vezes a gente não vai mesmo só para estar sozinhos e não ter que se vestir.

Fico tão satisfeita quando eu recebo carta de vocês. Aí é que vejo como sou ingrata por não lhes escrever mais. É que eu sou terrível mesmo. Imaginem que da Miriam eu já recebi duas cartas e não respondi, e nem à Berta. Mas vocês são os melhores pais e a melhor família do mundo, vocês me compreendem, estão tão perto de mim. Eu só falto engolir cada palavra de vocês. Leio, releio mil vezes o que escreveram.

Esse primo do papai falou-nos que o papai tinha escrito para que eles nos fizessem voltar para o Brasil. Fiquei pensando nisso e lembrei-me como que eu briguei quando um dia, o senhor me disse que talvez voltássemos. Lembro-me também de como os fiz ficar sentidos por ser boba e criança. Agora vejo as coisas de uma forma diferente. Espero que isso não surpreenda muito, mas a verdade é que agora eu e Bernardo não sabemos se podemos ou não viver no Kibutz. Não aconteceu nada de novo, a vida aqui é a mesma, com tudo o que ela tem de bom. Mas aqui tem-se que viver para sempre conversando com as mesmas pessoas, indo comer todos os dias às mesmas horras a mesma comida, fazendo sempre as mesmas coisas e agindo como todos esperam.

A verdade é que apesar de bonita a vida coletiva não é fácil. Parece criancice escever-lhe isso. Ou o fato de ter vindo e pensar em voltar sem nada do outro lado e tendo que começar tudo outra vez. Mas não quero que vocês pensem que eu escrevi é definitivo, e, o que é também importante, não comentem isso porque todas as notícias correm muito e isso seria desagradável para nós.

Mas meus queridos pais, vocês sempre me pediram que fosse sincera e lhes contasse tudo. Não me sinto com coragem de esconder o que o que pensamos a vocês. Acho que se as coisas mudaram um pouco para nós, vocês têm o direito de acompanhar. Sinceramente está tudo bem, não há problemas especiais. Eu e Bernardo nos compreendemos cada vez mais e a vida de nós dois é maravilhosa. Beijos a vocês. Quero depois escrever-lhes mais e uma carta especial ao Simon. Do Jacques, espero uma.

Bella

Iassur s/d

Meus queridos pais.

Acabo de saber uma notícia que preciso mais que depressa transmitir-lhes. A nossa família vai aumentar. Isso quer dizer que em breve vocês serão avós e titios. Ninguém vai acreditar, hein mamãe, uma avó tão jovem! E o futuro vovô, o que acha?

Não tenho sido uma filha muito correta quanto as cartas. Mas vocês bem podem imaginar que o negócio aqui andava meio movimentado. Tinha-lhes, assim que recebi a carta do Simon ontem, lhe respondido. Depois resolvi não mandar e esperar um pouco para dar-lhes a notícia. Fora alguns enjoos, tenho passado muito bem, está tudo OK.

Só que isto agora vem complicar um pouco as coisas. Tinha descrito já que a adaptação aqui não é como a gente pensava. Agora compreendemos o porquê de tantas idas e voltas. O problema não é o trabalho, isso, francamente, é o de menos. Mas sim, a vida no campo, uma vida de camponeses, limitada e restrita, a vida em coletivo que não é fácil e outras coisas mais, difíceis de traduzir em palavras.

Principalmente para nós, que viemos do Brasil, a mudança é muito brusca. Porém há tipos para essa vida também. Há os tipos pacatos, calmos ou filósofos que podem viver sem todo o aparato da civilização. Há as pessoas que podem basear toda a sua vida por um ideal, tenho a impressão também. Acontece que Bernardo é mais dinâmico, tem necessidade de mais vida, mais ação. E eu praticamente não tenho motivos que me forcem a fazer uma grande tentativa de adaptação.

Ajunte-se a isso a grande falta que sinto de vocês, meus pais, meus irmãos, essa enorme saudade de todos vocês. Não sei se me fez entender. É assim que eu encaro o que está acontecendo conosco. Não há nenhum problema especial. Só essa incerteza quanto ao futuro. Como vocês veem, meus queridos, a filha de vocês, mais uma vez, precisa de uma palavra de vocês e um conselho. Bernardo e eu já vínhamos pensando antes de termos certeza. da gravidez se no caso de sim, não seria, preferível tentar voltar antes do exército e da criança nascer. Mas ele se sente de todas as formas muito inseguro. Se dedicou sempre ao movimento, não se preparou para outro tipo

de vida. E agora para sair do kibutz, é preciso começar do comecinho mesmo.

Bem, isso tudo são ideias como sempre vocês mais uma vez tiveram razão. A vida não é como eu pensava. O mundo dá mesmo muitas voltas. De todas as formas, não me arrependo de nada. Seria uma grande pena se eu não tivesse vivido o que vivi até agora.

Este aerograma não deu para muito, logo vou escrever mais. Receberam nosso postal de Tel-Aviv? Contem-me mais sobre vocês. O Jacques está agora na colônia de férias, não?

A saudade que sinto de todos e a falta que me fazem é imensa. Só sinto que eu esteja sendo uma filha tão complicada para vocês. Com todo o meu carinho, Simon, um grande abraço, Bella.

Iassur s/d

Querido papai e mamãe, Simon e Jaques.

Tinha escrito há dois dias atrás, uma carta a vocês quando eu recebi uma do papai. A carta do senhor me deixou contentíssima. Vocês são uns pais como eu nem mereço.

Hoje chegou a tão esperada carta do Jaques. Até que enfim! Espero outras de você. Foi ótimo. O que você contou da colônia, para mim, é muito interessante. Dos nomes, a não ser uns poucos, quase não me lembro. Gostaria de saber um pouco mais. Do que se passa aí, com detalhes. Agora vocês escrevem tanto sobre mim que se esquecem de contar as notícias.

Os retratos que você pediu, Jacques, daqui do kibutz, já tem alguns, vou mandar revelar e depois envio a vocês. Mandar o filme inteiro não vale a pena. Pode estragar como aconteceu com aqueles. E que tal os retratos? Estou doida para vê-los.

Daqui não temos grandes novidades. Só que soubemos agora que a resposta sobre a possibilidade de libertação do Bernardo do exército pode demorar de 3 semanas para mais. Enquanto isso, nada é certo. Mas deram lá grandes esperanças.

Sobre a herança, o que disse que escreveria é o seguinte. Para que possamos receber o dinheiro, é preciso o seguinte. Que se escreva daí uma carta ao banco com o pedido. Que se entregue tudo que vovó e o irmão possuem a nós, "parentes em necessidades". Essa carta deve chegar assinada por eles (e talvez não precise ser a eles mesmos, caso isso seja difícil) e por uma pessoa influente da coletividade judaica, o rabino (*shoichet*), presidente da Unificada, ou que sei eu.

Com isto, é possível que recebamos esse dinheiro. Deve-se pedir ao banco a quantia depositada sobre os números, 4665. Abraham e 4666, Fruma, e a parte a eles pertencentes da casa em Sfat que talvez seja possível vender.

Esta carta deve ser endereçada a nós. Tanto, Jacob como o Johanan Schapira continuam muito interessados em ajudar-nos e têm mesmo feito muito por nós.

A vida aqui continua a mesma. Tenho passado bem, as saudades são muitas e a vontade de vê-los é imensa.

Espero resposta de vocês logo. Sempre que alguém puder, escreva-me um pouquinho. Sempre que o que o correio chega fico doida para que tenha uma carta para mim também. Vou ver se escrevo para a vovó amanhã. Como está ela? Ela não ia se mudar para Belo Horizonte? Bernardo manda muitas lembranças para vocês.

Abraça-os e beija-os a filha Bella.

Iassur 23/02/58.

Meu querido pessoal.

Recebi a carta de vocês um dia depois do que ele o tinha escrito. No dia seguinte, fomos a Haifa e eu, com o movimento, não respondi logo. Também queria esperar que tivéssemos mais alguma coisa de concreto sobre como poderão se arranjar as coisas por aqui fim de escrever para vocês. Mas ao certo, ainda não sabemos nada. Estivemos na casa do Johanan Schapira, conversamos bastante com ele e o irmão e eles estão muito interessados em ajudar-nos a conseguir o que precisamos. Isto é muito bom. Sobre a herança, há também algum dinheiro, mas parece que se precisa de uma autorização da vovó e do "velho" por escrito. Amanhã ou depois escreverei ao certo como deve ser isso.

Recebemos também uma carta dos pais do Bernardo, na qual eles contam que o papai esteve lá, e na casa do Jaime e Sarita (esses que voltaram daqui). Escreveram isso, e mais nada. Gostaria que o senho nos escrevesse, papai, dizendo o que achou do que eles contaram e das possibilidades de vocês nos ajudarem. Como já escrevemos várias vezes, não seria justo nem necessário um esforço demasiado por parte de vocês. Afinal de contas, a libertação do Bernardo do exército agora é uma coisa que está em dúvida ainda.

Quem ficou emocionada fui eu ao receber a carta de vocês. Tinha até esquecido de como é bom contar as coisas em casa, do calor com que tudo é sentido. Só quando se está longe assim é que se pode avaliar o que é ter uma família como a nossa.

A carta do Jacques é um verdadeiro delírio. Estou tentando de todas as formas imaginá-lo namorando. Acho que já não vou reconhecê-lo. Que garanhão!

Sobre o que a senhora pergunta na carta, mãe, sobre a consulta médica, já tinha escrito antes. Temos uma médica que mora no kibutz. Tenho me sentido medo muito bem, já nem os enjoos sinto. É como se não tivesse nada.

Mamãezinha, não precisa se preocupar comigo.

Papai e Jacques que já voltaram, não? Se não me inscrever agora, eu te mato, Jacques. Ou então à sua namorada. Do Simão também não aceito desculpas

de prova. Quando se quer, sempre se arranja um tempinho (e veja quem está dizendo isso).

Não sei se já escrevi que a médica predisse para mais ou menos fim de agosto, o nascimento da criança. É um presente de aniversário para os 50 anos do papai. Só que vai ser um pouco atrasado.

Beijos, beijos, muito beijos e saudades da Bella e Bernardo

Kibutz Iassur s/d

Queridos pais e irmãos.

Recebi ontem a carta que Simon e mamãe nos escreveram. E o Bernardo já recebeu também a que você escreveu para ele, Simon. Chegaram ainda mais dois Cruzeiros (não sei se escrevi que já havíamos recebido um), A Revista Brasiliense, de Cinema, e Novos Tempos. Tudo junto. Foi uma farra! Os bombons da Kopenhagen, tão ansiosamente esperados, nada.

Como sempre, a carta de vocês me deixou contentíssima. Dia de carta é dia de festa. Por que o papai não escreveu? E o Jacques, como está? Talvez quando recebam essa ele já tenha voltado da colônia de férias. Gostaria muito que ele me escrevesse como foi tudo e como estão agora as coisas por lá.

Então, mais duas amiguinhas que se enforcam. Gostei das descrições das respectivas festas. Todos de casa foram? Papai e mamãe? Como está tudo em casa? e a loja?

Sobre nós, não sei o que escrever agora. Estou aflita para que vocês recebam e respondam nossa última carta. Se em que ela vai ser uma surpresa tremenda. Espero ansiosa algumas palavras de você sobretudo. Eu tenho passado muito bem, os enjoos até que estão diminuindo. Temos uma médica no kibutz, ela mora aqui mesmo. Ela disse que estou muito bem. Agora eu e Bernardo temos que fazer exame de sangue para ver se o nosso sangue é do mesmo tipo. Isso se faz sempre. O tratamento que se recebe quando se está grávida, no kibutz, é muito bom. O trabalho que se faz é leve, recebe-se muitas atenções. E a comida, além do comum, é acrescentada de coisas especiais. Tudo quanto é coisa gostosa. Bernardo fica até com inveja. Disse que assim é até ele. Naturalmente que seria melhor se estivéssemos perto de vocês agora, mas não há de ser nada. Eu tenho certeza de que, de uma forma ou de outra, isso não vai demorar muito.

Não quero escrever mais nesta carta sobre as causas que motivaram toda essa mudança em nós. Na outra carta já tentei explicar um pouco e isso é dificílimo. Quero que vocês nos respondam primeiro.

Como já escrevi uma vez, eu e Bernardo nos compreendemos muito. Nossa vida a dois é muito completa. Se for como a senhora disse, mamãe, estamos

garantidos mesmo. Mas não sei, há muitos problemas, as coisas nunca são tão simples. Mas essa é a graça da vida, não? Só não é justo eu dar toda essa dor de cabeça que tenho dado a vocês.

Recebemos outra carta do parente do papai de Natanya nos dando a maior bronca por não termos ainda ido lá. Queremos procurar fazer isso assim que pudermos. Estou mesmo querendo conhecê-lo.

Beijos, beijos e mais beijos a cada um de vocês e muita saudades e lembrança da Bella.

PS Se o Jacques no retrato, está sem topete, eu não sei o que é um topete.

PS. podem ir pensando em um bom nome para o netinho.

Kibutz Iassur, 8/3/58

Querido papai,

Recebemos ante ontem a carta que o senhor nos escreveu no dia 27 de fevereiro pedindo uma resposta urgente. Acontece que tenho já mandando cartas explicando toda a situação aqui inclusive sobre a questão a questão da herança.

A questão agora é o tempo. Temos que esperar três semanas (agora só uma) para receber a certidão de se o Bernardo é apto ou não para fazer o exército. Só então ele pode entrar com o pedido de libertação. Como escrevi antes, isto também não é certo. Por este motivo não se tem como correr ainda.

Imagino que não deve ser fácil para o senhor arcar com todas estas despesas de passagens. Por isto caso esteja confirmada nossa volta vamos tentar com a *Sornut* (?) um abatimento ou facilitação no pagamento das passagens de vida para cá. Querido paizinho, não pode saber o quanto somos gratos por todo esse esforço. Nós não temos outra coisa a dizer senão pedir desculpas pela grande "dor de cabeça".

Mamãezinha, estou esperando ansiosa uma carta da senhora. Elas sempre são maravilhosas e me fazem um bem tremendo. Conte-me coisas aí, o que tem feito, como estão os meninos, a empregada, tudo enfim.

O senhor me pergunta se tenho recebido todas as cartas. Ao que parece, pela sequência do assunto, creio que sim e tenho respondido a todas.

Tenho passado muito bem, não precisam se preocupar. Não encontro nada para contar agora a não ser que agora estamos em Purim, que aqui parece carnaval. Não pelo modo como se celebra a festa, mas pelas fantasias (cada um faz as suas) excelentes. Todos, pais e crianças sem exceção, têm que se apresentar fantasiados. A festa consiste na composição de diversas fantasias ou de pequenos grupos de fantasias que, de acordo com um tema, na noite de Purim, fazem uma apresentação curta em forma de esquete, danças, ou o que for. Depois são distribuídos prêmios aos primeiros colocados. O nível é muito alto e é uma festa muito bonita.

Jacques e Simon escrevam-me logo. Também quero saber alguma coisa de teu concurso, Simon.

Beijos da filha e irmã, Bella.

Lembranças do Bernardo.

Haifa 23/3/1958

Queridos sogros:

Escrevo lhe esta carta sem a costumeira participação de Bella. Mas não se assustem. A futura mamãe vai otimamente bem. Respondo logo a uma das perguntas feitas por vocês, à Bella. Realmente a forma de tratar a gestantes aqui no kibutz é admirável. Imediatamente, ao constatar sua gravidez, Bella passou para um trabalho bastante leve, ao mesmo tempo que recebe comida especial. Periodicamente, ela consulta-se com a médica e, dentro dos recursos do kibutz, ela recebe um tratamento muito bom. Ela manda-lhes muitas lembranças e promete escrever logo. Recebemos chocolate (segunda vez), Cruzeiro Alterosa se os jornais. pelos quais muito lhes agradecemos.

O motivo que me fez escrever sem a participação é estar agora em Haifa resolvendo as questões nossas e quanto a isso quero lhes dar um pequeno relatório.

Ao receber esta, vocês já devem ter tido contato com a gente da companhia de transportes Israelí. Tivemos que fazer isto de forma urgente, inclusive por telegrama, por dois motivos, a) a minha libertação do exército está condicionada à saída do país até o dia 5 de maio. b) está em andamento no parlamento um projeto de lei praticamente aprovado que, quando em vigor, criará o imposto cerca de 40% sobre o valor das passagens para o exterior. Mesmo com o telegrama, é ainda uma corrida com o tempo.

Felizmente consegui (como no Brasil, aqui muitas coisas se conseguem com uma boa conversa) a anulação do pagamento da viagem de ida. Desta, estamos livres.

Iassur s/d

Meus muito queridos pais e irmãos,

Talvez agora tenha começado a escrever menos. Mas acredito que vocês bem podem imaginar a confusão por aqui agora. Recebemos sua carta, Simon, sobre tudo o que você quer saber podemos breve conversar pessoalmente e será muito menor. Pelo que vejo você está entusiasmadíssimo com seu curso e vai tudo. às mil maravilhas. Espero que consiga mesmo uma das tais bolsas!

Vocês me pedem que escreva sobre toda a situação e principalmente sobre o que conseguimos com respeito aos pagamentos das passagens de ida. Isso quando não haviam recebido minhas últimas cartas. Nelas já contei tudo, inclusive a questão de pagamento das passagens que parece já ser assunto resolvido.

Por que o Simon é o único a me escrever? Vocês não podem calcular as saudades que sinto de todos e o que são algumas linhas de vocês para mim.

Estamos já ajeitando as coisas, arrumando os trapos. Como dentro de alguns dias pretendemos sair do Kibutz, quando vocês me responderem, não o façam mais para aqui e sim para Yochanan Schapira no seguinte endereço: RECHOV ZEEV 16 – RAMAT REMEZ – Haifa. É melhor mandar no próprio nome dele para não haver engano. Reconheceremos as cartas por serem do Brasil.

Agora, ao que tudo parece indicar, as coisas ficaram decididamente resolvidas. Já temos aqui as passagens e o visto do passaporte. Embarcaremos no dia 23 passando uma semana em Marselha por causa da conexão com o outro navio. Ainda escreverei mais detalhes sobre a viagem proximamente. Mal consigo suportar a ansiedade de vê-los. E eu e Bernardo nem sabemos como agradecê-los por tudo. Esperamos ser para vocês mais tarde alguma coisa, e isso tenho certeza será um obrigado maior do que palavras.

Gostaria de saber mais notícias sobre todos aí. Vovó já se mudou mesmo para Belo Horizonte? Onde ela está morando?

Não me falta assunto, tenho muito o que dizer-lhes ou contar-lhes, mas bem podem compreender como é difícil concentrar-se e coordenar as ideias

agora. Estou certa de que o sentimento de que em breve estaremos juntos é suficiente para que vocês me desculpem esta falta.

Beijos, muitos beijos e saudades da filha e irmã Bella.

Muitos abraços a todos de Bernardo.

Sfat s/d

Querida vovozinha,

Ficamos felizes com a notícia de que a senhora vai morar agora em Belo Horizonte. Não temos tido tempo para escrever muito, mas a mamãe deve ter dado todas as notícias, não?

Estamos mandando este postal para que a senhora veja como Sfat está agora.

Muitas saudades e beijos, Bella e Bernardo.

Tel-Aviv 16/4/1958

Meus queridos pais e irmãos,

Estou escrevendo agora da estação de trem. Vamos agora para Jerusalém. Escrevemos já para os parentes e queremos mesmo estar lá antes de irmos embora. Faz hoje uma semana que saímos do Kibutz. Estamos em Chedera (entre Haifa e Tel-Aviv) na casa a de um parente do Bernardo. Mas quase não paramos lá, Bernardo principalmente porque papéis e outros preparativos só podem ser resolvidos em Haifa ou Tel-Aviv. Também estive em Haifa estes dias na casa de Johanan Shapira. Lá não podemos ficar o tempo todo porque não há suficiente lugar. Quando dormimos lá o menino tem que dormir na cama dos pais, e isso é muito desagradável. Mas eles têm muitíssima boa vontade conosco. Ela (a esposa de Johanan) saiu comigo para que eu pudesse comprar alguma roupa e compramos uma saia e uma blusa para mim. Uma outra blusa, muito bonita aliás, ela me deu de presente. Assim já estou vestida. Agora não preciso de variar a roupa toda hora ou grandes "toaletes". Para "bater" tenho alguma coisa que me deram no Kibutz.

Estive também no *Kupat Cholim* (médico do governo), fiz todos os exames que precisava e agora já estou bem-preparada para a viagem. Aliás, não estava me sentindo mal, mas eles fizeram questão que eu fosse a um bom médico e fizesse todos os exames para estar segura. Agora temos uma semana para pegar o navio. Vamos no "Jerusalém" para Marseille. Saímos daqui dia 23. Ficamos uma semana na França e no dia 3 tomaremos o "Bretagne".

Estamos agora fazendo os últimos preparativos. Só não recebemos nada de vocês quanto à herança. Talvez tenha chegado alguma coisa no Kibutz, vamos ver isto, mas não sei se ainda dará tempo.

Quanto ao dinheiro que pedimos, também se não mandaram, não dará tempo de vir para cá. No momento não sabemos se iremos ou não precisar dele mas surgiram despesas inesperadas com papéis e um aumento nas passagens devido a uma lei nova pela qual se paga uma percentagem de 20% em todas as passagens de saída do país. É por isto que não sabemos o que esperar depois que subirmos no navio. Pelo visto há sempre imprevistos e é preciso

sempre uma taxa de segurança. Assim sendo, se vocês quiserem nos mandar algum dinheiro agora já não o façam para cá e sim para

Bernardo Wajnman, S.G.T. M., 70, Rue de la Republique, Marseille.

Se por acaso vocês já nos enviaram alguma coisa para cá não mandem outra vez. Ainda vamos saber tudo o que chegou para o Kibutz.

Alguma carta ou o que quiserem também podem mandar para Marseille. Aliás gostaria muito que fizessem isso. Há bastante tempo não tenho carta com notícia de vocês,

O netinho vai bem e manda lembrança aos tios também.

Beijos, Bella e Bernardo.

Chedera 20/04/58

Meus queridos,

Recebi hoje a carta do Simon, datada do dia 14 deste mês. Pelo que está escrito nela pudemos ver que houve uma carta anterior que não recebemos.

Parece que vocês também não receberam uma carta de Bernardo tratando da questão da herança, na qual ele explica as cartas que se precisaria mandar para cá etc. Como não chegou nada, achamos que esta carta também não receberam.

Mas nem sei bem como e com muito custo Bernardo conseguiu ontem que recebêssemos o dinheiro (a quantia é de 269 liras) em troca de uma assinatura do velho Heller que garante que dentro do prazo máximo de dois meses chegarão cartas do Brasil autorizando a passagem do dinheiro para nós. Com isto ficamos "ricos" agora. Pela carta de Simon vimos também que vocês nos mandaram 100 dólares dos quais nem sabíamos por que não tínhamos recebido a carta anterior. Foi uma sorte ele ter repetido isso. Bernardo viajou agora para Tel-Aviv para identificar o tal banco para retirar essa quantia. Agora, fora o nome do banco que o Simon aliás escreveu que aqui talvez seja outro, não sabemos se temos que ter um cheque, algum papel ou outra forma de identificação para retirar o dinheiro. Em todo caso Bernardo viajou hoje e vai fazer o possível para resolver isso, E como tudo está dando certo....

Com certeza receberam minha carta anterior na qual há muito não tinha recebido carta de vocês e também não havia nada quanto à herança. Do dinheiro que disse que poderiam mandar para Marseille é claro que não precisamos mais.

Estivemos em Jerusalém na casa das três irmãs do Berish. Na casa de um almoçamos, na casa de outra dormimos e assim passamos lá dois dias. Vimos muitos lugares interessantes e fomos a uma lindíssima comemoração do levante do gueto de Varsóvia na qual vimos também o presidente e Naum Goldman que discursou. Foi interessantíssima esta nova visita. As primas da senhora, mamãe, são muito cultas, inteligentes e agradáveis. Uma delas, a mais velha, disse que se lembra bem de "Chaiele". Temos muitas lembranças delas ao Berish, Raquel e as crianças, bem como à vovó e alguns presentes que eles fizeram questão de mandar.

Hoje vamos para Haifa porque de lá é que tomamos o navio e ficaremos na casa de Johanan esses dias.

Assim, mais três dias e estaremos no navio. Mais um mês e estaremos com vocês. É por isto que apesar de saber das dificuldades que teremos que enfrentar não posso deixar de estar contente. Parece um sonho saber que daqui a tão pouco tempo poderemos abraçá-los. Nosso filho também vai ficar contente de nascer perto dos avós e de toda a família.

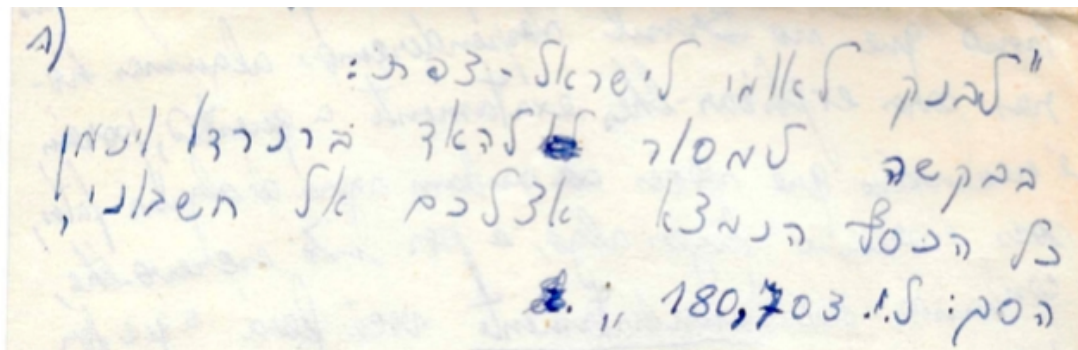
Esperamos carta de vocês para Marseille para o endereço que já lhes mandei. Também nós escreveremos mandando notícias.

Muitas saudades, abraços e beijos dos filhos Bernardo e Bella.

23/04/58 - Estamos agora no porto de Haifa e vamos tomar o navio. Na última hora, conseguimos receber aqui o dinheiro que vocês mandaram pelo banco, em dólares. Beijos, Bella.

Esperem carta de Marseille.

Marseille 27/04/58.

Chegamos hoje a Marseille, depois de ótima viagem. Iremos para um hotel indicado pela companhia. Agora é bem menor a distância que nos separa. Lembranças de Bernardo, muitos beijos a cada um de vocês da Bella.

Marseille, 19/4/58

Caro Simão,

Após estarmos 2 dias em Marseille, escrevo-lhe esta carta que, apesar de tudo, não vai romper o silêncio de nossa correspondência, pois ela tem outra finalidade. A nossa correspondência será brevemente continuada por um "tete -à-tete".

Bom, o assunto é outra vez a tal da herança, que sua vasta a ramificada família possui. Penso que no Brasil despenderemos algumas horas para explicar-lhes exatamente a questão, porém é necessário que vocês saibam agora de alguns fatos, é preciso fazer algo, e por isto escrevo-lhe, confiando que *imediatamente* você fará o que é preciso.

Eu os havia escrito que, para recebermos a herança, era preciso que o Banco e o Ministério do Tesouro de Israel recebessem cartas que autorizassem a entrega. Porém, como até os últimos dias nada tivéssemos recebido, e como precisássemos urgentemente do dinheiro, resolvi agir e dirigi-me às duas instâncias, e após alguma conversa, recebemos o dinheiro. No último dia, antes de partirmos, soube que havia chegado uma carta que, por havermos trocado de residência, não tomamos posse; urge agora que vocês escrevam 3 cartas, e estas serão as definitivas, pois apanhamos o dinheiro contra estas cartas, que terão que chegar a Israel <u>dentro do mês de maio</u>, duas dirigidas a "Bentzion Heller, Rechov B, 27, Sfat, Israel. As cartas, 2 das quais têm que ser em *ivrit*, devem ter o seguinte teor:

A)
"לבנק לאומי לישראל - צפת:
בבקשה למסור [illegible]
כל הכסף הנמצא אצלכם אל חשבוני,
הסך: ל.י. 180,703 "

Assinatura de Avrum

2) O mesmo teor da anterior, mudando somente a quantia que deverá ser de 88,717, assinatura de Fruma.

Quanto à herança, a situação é a seguinte: vocês devem escrever 2 cartas, com a assinatura de uma autoridade judaica local (Sheichet, Presidente da Unificada, etc. verificada,) para dar a necessária validade à mesma. Uma cópia deve ser enviada a "Mr. Noman Aga F Matbea Chuz, Haotzar, Jerusalém", e outra para "Bank Leumi de Israel Sfat".

Devem ser escritas em ídiche ou (de preferência) em inglês. O teor deve ser mais ou menos o seguinte: as pessoas abaixo assinadas, tendo em seu nome depositadas no Banco Leumi de Israel, seção Sfat, sob os números 4665 (Abram) e 4666 (Fruma) certas quantias, pedem entregá-las a Bernardo Wajnman, por motivo de laço de parentesco. Não escrevam que nós voltamos para o Brasil.

O tempo é muito escasso e temos que correr com tudo. Apesar de tudo não nos deram quase nenhuma esperança de receber o dinheiro.

Desculpem-me se termino. Tenho, exatamente dentro de 5 minutos, um encontro com um funcionário do Ministério do Interior (passaportes).

É só, Shalom a todos.

Bernardo

Dakar 7/5 - A bordo do S.S. Bretagne

Amanhã desceremos em Dakar. Depois somente mais 6 dias e Rio de Janeiro. Recebemos as cartas de vocês e o cheque em Marseille.

A viagem está muito boa e eu também estou me sentindo bom. Dia 15 pela manhã desceremos no Rio, nem acredito que já vou vê-los. Com exceção talvez do Jacques, não? Vão se preparando para ver como estou engraçada. Lembranças do Bernardo. Beijos, Bella.

Dakar 8/5

Queridos pais,

Estamos agora em Dakar, África, após 5 dias de viagem. Está tudo indo muito bem e na próxima quarta feira (14/5) ou quinta feira (15/5) estaremos no Rio. Em todo caso informem-se na Polícia Marítima. Bella manda lembranças.

Bernardo.

Rio de Janeiro, maio de 1958

Meus queridos pais,

No mesmo dia em que vocês foram embora, recebemos um telefonema do titio. Conversamos com eles e soubemos que vocês fizeram uma boa viagem.

Nós retiramos já os baús e eu estou só nas arrumações. No meio dos livros encontrei aquela lista de enxoval de bebê que estou mandando. Não tenho muita base para saber, mas acho que ela é um pouco exagerada. Já estive no médico, fui no primo do Bernardo. Ele me fez um exame superficial, tirou a pressão e disse que está tudo em ordem. O que serão precisos é de alguns exames de urina, sangue e não sei o que mais.

Recomendou-me para isso que procurasse me inscrever na Policlínica de Botafogo onde isto é feito com um mínimo de despesas bem como aulas, e uma inscrição para o parto sem dor a partir do 7º mês.

Estive lá e conversei com o médico que me pareceu muito competente, vou mais gostar de fazer os exames aqui e o início do curso e ter a criança em Belo Horizonte. Ele disse que, como era comum que muitas pessoas fizessem isso – isto é, fazer lá o curso e ter a criança em outro lugar (Isto porque lá é um tipo de Santa Casa, vai-se para um quarto geral e não há médicos especiais para cada uma a não ser que um dos médicos da policlínica seja o médico particular por fora) resolveram cobrar no começo um curso a taxa do parto isto é de Cr$ 1800,00.

Ainda estamos conversando e pensando em ir para Belo Horizonte quando isso for decidido, mas não temos nada resolvido. Estamos esperando carta de vocês, logo mais escreveremos ou telefonaremos e resolveremos isso. Vai depender de onde e como fazer os exames, o curso e o enxoval. Por que ficar muito mais tempo sem começar nada disso é impossível. E eu ir para aí agora significaria ficarmos eu e Bernardo longe um do outro cinco meses.

Bernardo começou ontem a trabalhar. Ele está muito entusiasmado. Estou com a impressão de que esse é o trabalho feito de encomenda para ele. Exige muito dinamismo, agilidade, esperteza e é disso que ele precisa. Além disso, estão entregando tudo nas mãos dele. Ao que parece, o pai do Melinho quer mesmo que ele e Bernardo tomem a direção da fábrica. Se só tudo correr como se espera...

Como vai o malandrão do Jacques. Sei que ele não liga, mas eu já não me aguento de impaciência para vê-lo. E a vovó como está? Gostou do álbum? Empregada a senhora ainda tem, mamãe?

Parece que o tempo que estivemos juntos foi pouco para matar as saudades. Estou doida para estar com vocês outra vez para acabarmos de conversar.

Beijo, lembranças do Bernardo e dos seus pais. Da filha, Bella.

Rio de Janeiro 29/7/59

Meus queridos pais,

Afinal, depois de muito custo, consegui encontrar um pedacinho para escrever. Também estou com um azar daqueles nos telefonemas. Já há dois domingos não consigo falar com vocês. No primeiro ninguém atendeu e domingo passado quando a senhora falou com a Guiomar eu antes de sair para a praia pedi uma ligação, chamaram alguém aí e disseram que alguém lá loja atendeu e tirou fone do gancho. Não sei o que foi isso. Dia 23, parece que foi uma quarta feira. Também pedi uma ligação, que demorou e não saiu. Queria cumprimentar o papai pelo aniversário (não pense que esqueci) e contar que a Solange deu os primeiros passinhos sozinha.

Recebemos a encomenda. Os ovos chegaram muito bem, imagine a senhora mamãe, que tenho agora menos que ½ dúzia. E eu que pensei que eles não iam acabar nunca. Mas eu os aproveitei muito bem, e os tomates também.

O strudel estava delicioso. O papai é que gostou, não foi?

O casaquinho branco ficou na mesma, não é? Com certeza na tinturaria imagino que não puderam arrumar.

Queria saber qual é o número da camisa sport que o Jacques usa.

---

[1] Bass, Allan Ira, Mordechai Reicher, and Yosef Magen-Shitz. 2023. *Memorial book for the Jewish community of Yedintzy, Bessarabia (Edinet, Moldova)*: JewishGen, Inc.

[2] Ejlenberg-Raber, Vera. 2019. *The Red Jacket - a historical narrative documenting the roots of the Radzyner & Raber families*: Private edition.

[3] Chazan, Tzvi. 2005. *Caminhos e saudades*.... São Paulo: Edições Inteligentes.